

GRITOS BARBADOS

VERSOS

DE

MOMCYR DE ALMEIDA

BENJAMIN COSTALLAT & MCCOLLIS, EDITORES

Maria Blantina de Almeida
Oferecido por seu esposo

Stammar Gomes de Almeida

Rio 1972

EX-LIBRIS

ADASTAR

DE
MOACIR
DE
ALMEIDA





MOACYR DE ALMEIDA

Moacyr de Almeida nasceu em 22 de Abril de 1902, e inhumou-se em 1 de Maio de 1925, tendo estado, portanto, vinte e tres annos e nove dias sobre a Terra.



A Procopio Ferreira, grande actor e grande alma;
a Cornelio Penna, desenhista de inspiração universal
e philosophica; a Manoel Del Valle, gravador de ta-
lento; a todos elles, que se esforçaram pela publica-
ção de "Gritos Barbaros", — em memoria de meu
irmão Moacyr de Almeida,

a minha gratidão.

PADUA DE ALMEIDA.



As sessenta poesias enfeitadas em "Gritos Barbaros" não constituem toda a obra de Moacyr de Almeida. Quando o autor falleceu, já deixara este livro da maneira em que está, com a mesma disposição em que se acha, sem que ninguém o modificasse em cousa alguma, ainda que no mais simples requinte de pontuação. Além dos trabalhos aqui publicados, Moacyr de Almeida legou-nos muitos outros, em verso e prosa, que estão reunidos e que opportunamente virão á luz.

P. DE A.

CRITOS BARBAROS

(1916-1920)



INSCRIÇÃO

*Arte gloriosa e audaz, forte e resplandescete,
Amo-te, não na terra onde a vida se arrasta. . .
Amo-te assim como te vejo, ardente e casta,
Sobre as alturas, onde o sol exangue
Carrega a cruz de fogo entre infinitos!*

*Amo-te, além do azul, onde a Vertigem parte
A ara do mais audaz! Amo-te assim, vestida
Numa chama de musicas e gritos,
— Sombra de que sou sombra, Arte divina, vida
Da minha vida, sangue do meu sangue,
Arte!*

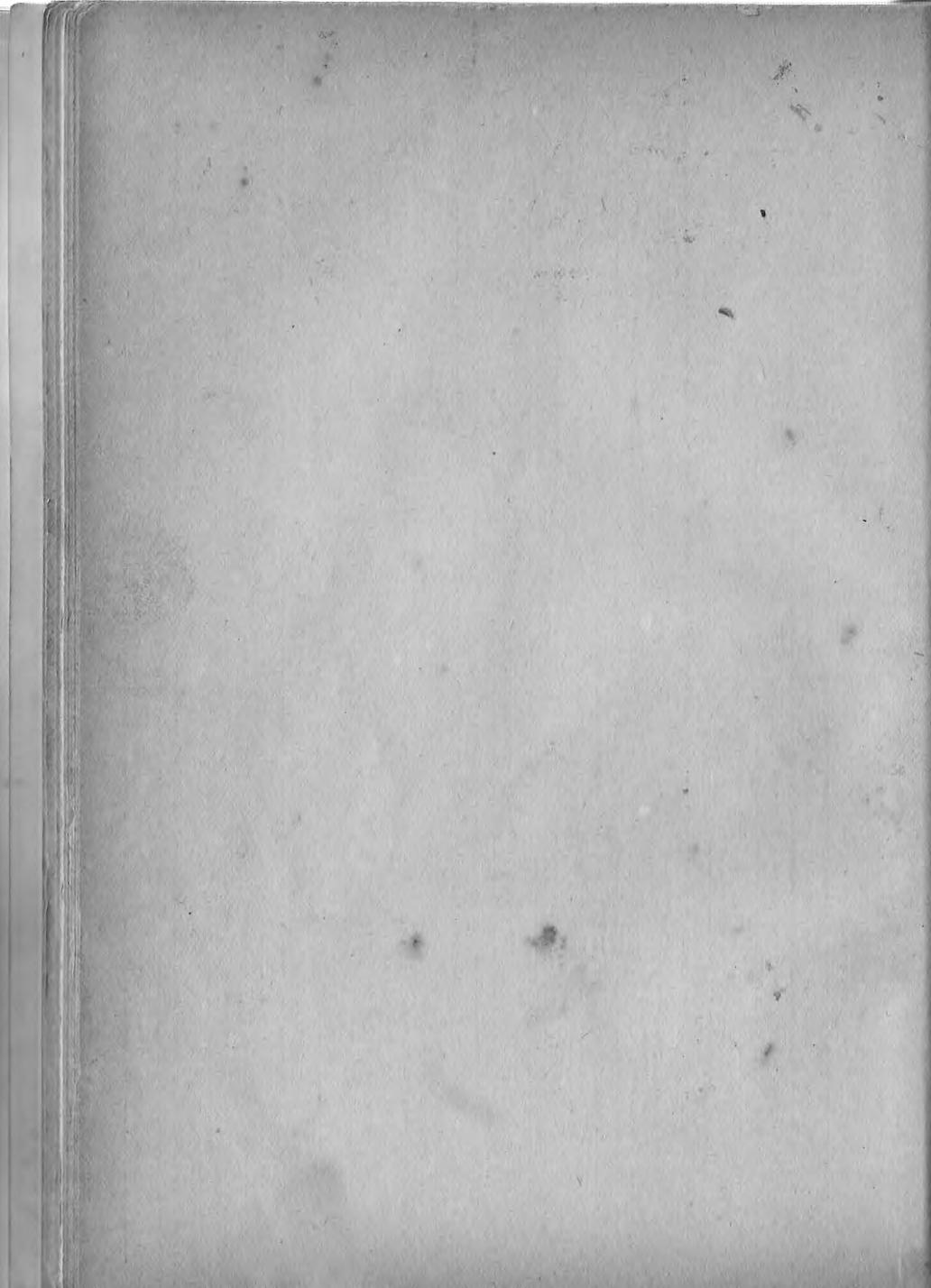
*Arte! Por ti, como um maldito e miserando,
De olhos presos no céu doloroso em que vives,
Caminhando através de declives e acclives,
Ouço, em vão, tuas azas trovejando
Entre o céu, que floresce em primaveras,
E a terra, que se estrellia de crateras. . .*

*Arie! Acolhe o clamor dos martyres eternos,
Dos que vivem por ti, soffrendo, dos que são
As sombras vivas dos teus infernos,
E que, mortos por ti, em torvas agonias,
Ainda têm forças para erguer-te, nas mãos frias,
Como um poema de sangue, o proprio coração! . .*

VOS DOS

ABYSSMOS





PRECE

Deus dos que soffrem! Deus dos que, sentindo
O travo amargo das angustias, vão
Enchendo o mundo de um clamor infindo,
Rebentando num grito o coração.

Deus dos fortes que vivem, repetindo
A tragedia do Caucaso, e os que são
Christos crucificados sobre o Pindo.
Aureolados de sangue e de illusão.

Deus! Se, no horror deste soffrer medonho,
Hei de vencer por fim na ansia divina,
Bemdigo a dor, bemdigo o meu soffrer,

Bemdigo o sonho que me arrasta ao sonho,
Tendó todos os astros na retina
E todos os abysmos no meu ser!

HYMNO A' VERTIGEM

Vertigem — deusa astral de terrível belleza —
Amo-te! Teu amor, de rudes magnetismos,
E' a grinalda que pesa em minha fronte accesa,
Vergando-a sobre a noite eterna dos abysmos.

Prendes, na mão augusta, o equilibrio dos mundos;
Na sombra da tua aza, atropelam-se os ventos;
E, presos no clarão dos teus olhos profundos,
Rolam, na sombra, os sóes desgrenhados, violentos.

As avalanches são lagrimas dos teus olhos!
Teu halito envenena os pincaros e as praias;
E arrojadas, como leões, nos céos e nos escolhos,
Cyclones, khaumathans, pampeiros e khamaias!

Amo-te, na attracção que o teu olhar encerra,
Quando, nas horas de tormenta delirante,
Desfraldando os tufões como pendões de guerra,
Ergues, dentro do raio, o livido semblante!

Amo-te, porque tu, desde o Cháos primitivo.
Tu — serpente de olhar verde e profundo — esmagas,
Nos teus verdes aneis, o universo captivo,
Prendendo as larvas como a lua prende as vagas.

Amo-te, porque tu és o meu Fim e Origem,
E ruges no meu sêr e brames na procella!
E porque, quando fecho os olhos, — ó Vertigem! —
Tu me cobres de horror, tragicamente bella!

Tu rebrames na carne; e prendes; e seduzes!
E, na allucinação do espirito, me arrastas
Pelos cabellos, entre as sombras, entre as luzes,
Rasgando-me no horror negro das noites vastas!

Amo-te, porque tu, quando, eterna, minh'alma,
Em raios, transmigrar para a astral harmonia,
Has-de, em noites de dor, implacavel e calma,
As azas desatar em minha campã fria!

Vertigem! Mesmo quando o anjo negro e terrivel
Do Fim — enguer na noite o clamor dos assombros,
E raiva, angustia, sonho, ancia, e o céu intangivel,
Tudo rolar na treva, em fragores e escombros,

— Tu, Vertigem fatal, anjo de olhar profundo,
Has-de, abrindo a aza, em teu sinistro movimento,
Pairar sobre o clarão dos destroços do Mundo,
Como um abutre sobre um cadaver sangrento...

DEUS

Numa aurora de lividos mysterios,
Entre abysmos fatidicos te arrastas:
Queimas as mãos nos turbilhões esthereos.
Ensanguentas na pedra as mãos nefastas...

Ergues-te aos sóes; desces aos cemiterios...
E, na treva e nas lapides que afastas,
Nunca ouvirás, entre clarões sidereos,
A passagem de Deus nas noites vastas...

— Deus marcha nos relampagos!... — proclama
O raio. E o orvalho: — Deus sorri nas flôres...
E, na ansia eterna que te arrasta e inflamma,

Erras, sem ver e ouvir, entre os abrolhos,
Esse clamor que clama em teus clamores,
Essa alvorada que arde nos teus olhos...

IV

THABOR

Vertigem deslumbrante! Astros, chimeras,
Em transfigurações vertiginosas,
Tudo ascende o Thabor de sombras e éras,
Onde a carne que tomba ergue-se em rosas.

O Himalaya foi sol; noutras esferas,
Os seios de Héro foram nebulosas;
E as mãos de Victor Hugo, em primaveras,
Foram as azas de um condor gloriosas...

Minha lagrima ardeu num raio afflicto;
Meus olhos, cheios de visões supremas,
Foram lavas; e, ao beijo do infinito,

Meu coração foi rocha: e, ansiando em gemmas,
Ainda hoje é rocha... E' o Caucaso maldito
Onde se estorce o Prometheu dos poemas!

DESESPERAÇÃO DE CINZAS

No martyrio das minhas esperanças,
Tive raivas, blasphemias, desvarios...
E ergui meus braços, hirtos como lanças,
Contra os astros somnambulos e frios.

Porque jamais os sões, em noites mansas,
Rasgassem luz nos meus fataes transvios,
Abri-me em odios e desesperanças,
Como um vulcão se abre em clarões bravios.

E, — cratera de anathemas e assombros, --
Tudo queimei em brazas de tormentos...
E, hoje, que o amor despenha em lama e escombros,

— Contra as constellações, a escurecel-as,
Arrojo as cinzas do meu tedio aos ventos,
E a fumaça dos sonhos ás estrellas...

ANTE AS SOMBRAS

— “Vaes morrer, pobre Rei, cuja corôa ardente,
Lacerada em rubins, rola, incendiando a altura...”
(Iste dizia a Noite, erguida no occidente,
Emmaranhando o Sol em sua teia escura.)

“Despenhaste do azul, em tua gloria ingente...
Dêste clarões de sangue á interminina planura...
E eu te algemei, ó Sol, numa ferrea corrente,
A' treva, e te arrojéi numa caverna obscura...”

E, entre flammas, o Sol: — “Pobre noite orgulhosa!
Morrerás, amanhã, nos gládios da alvorada,
Quando eu cravar no oriente uma sangrenta rosa...”

“Tenho o surto da luz, que ás amplidões me eleva.
Sou como o Genio: morro... e exsurjo em luz dourada!”
E tombou a sorrir no ergástulo da treva...

SAUDADE DE SATAN

Scisma e sonha Satan. Seu olhar inclemente,
Rompendo a escuridão das ténébras fataes,
Erra no vasto azul coalhado de ouro ardente,
Cheio de imprecações, ullulos roucos e ais.

Pesa-lhe no hombro adusto o céo aberto em brazas,
Esmagadoramente, em astros e fuzis;
Veste-lhe o hombro a cruel, dupla noite das azas;
Em pérfidas visões chispam-lhe os olhos vis.

Rememora e revê a tragedia flammante
Da guerra millenar, cujos trovões de horror,
Ouve, na noite do seu sonho delirante,
Rebentar dos clarins no estrugente clangôr.

Que vesano ruflar de azas brancas revoando,
Entre a scintillação dos gestos! Que visões
De archanjos, cuja espada, ardente de commando
Veste-os, da fronte aos pés, em golpes e clarões!

Lampejam no odio ultriz as phalanges, no embate
Tremendo; ardem, nas mãos, colubrinas infieis;
Cada gesto que fulge, entre o horror do combate,
Deixa estrellas rolar pelo aço dos broqueis.

Tudo treme e delira; o universo, onde dorme
O seu somno de luz o silencio estellar,
Ruge; uiva; arqueja como um coração enorme!
Tombam gritos de dor, como estrellas pelo ar.

Céos em raio! Legiões resplandescentes, rudes,
Despenham sobre o pó dos astros! A hediondez
Sinistra de Satan tem negras attitudes...
Deus, no recontro, tem os mundos por arnez.

A aguia dos temporaes, num bronzeo luar, rebenta
Mil raios: — Quem sacóde os céos, no seu rugir?
— Quem é? — fulge, assombrada, uma estrella nevoenta;
E ha um funesto clamor do zenith ao nadir.

— Deus! — soluça o clamor prophético dos ventos.
E esta palavra astral, numa rubra manhan,
Rasga um iris, coroadando os cataclysmos cruentos.
E, em baixo, rosna a vóz da Vertigem: — Satan!

Quando um cadaver de anjo, estruindo os astros, róla,
Uma chuva de sangue envolve o céu atróz;
E, a esse orvalho, o infinito abre a immensa corolla,
E nas nuvens e sóes ha um delirio feróz.

Depois a queda! Os céos lividos, assombrados,
Entre a noite de Deus, vêm nas sombras cruéis,
Toda a constellação dos anjos fulminados
Despenhar num fulgor de crispações reveis.

E elle, que aos céos, brandia a coruscante espada,
— O primeiro que ousou, no maldito poder,
Levantar contra Deus a mão abandonada, —
Viu a noite do exilio, os sonhos lhe absorver.

E Satan, recordando as terras do Intangível,
Chora raios de angustia e levanta-se, enfim.
— Vamos! — diz. E caminha. E, na noite terrível,
Segue-n'ó, soluçando, Iskarióte e Caim.

Crispando as mãos, o Deus das Ténébras eleva
O olhar saudoso aos céos. Hirto, caminha; seus
Passos barbaros vão-se embebendo na treva...
E, aquejando, a seus pés, o chão troveja: — Deus!

VIII

AVALANCHE

Silenciosa, fitando o Mundo e os astros, vives,
Alma Humana, com teu diadema de pureza,
Tal a montanha erguida entre abysmos e acclives,
Toda em neve, dormindo á luz da natureza.

Mas quando o luar te abraça em perolas, revives...
Sonhas que o luar te arrasta aos céos, em lyrios presa...
E, tonta de esplendor, sentes que, em teus declives,
Nevam constellações. — e tudo é neve accesa...

E eis que o sol da amargura emerge das auroras...
Sob as lanças de fogo, a neve esfaz-se... E choras.
Tanto a dor te transpassa e te queima as entranhas

Que o teu diadema estala em temporal medonho:
E arrojás, entre a neve, as rochas do teu sonho,
Na avalanche, que é o pranto e a raiva das montanhas...

IX

AVATARES

Desde que a Dor existe,
No infinito clamor dos corações,
Arrasto a minha angustia e a sombra triste,
Apunhalado de afflicções...

Ha, em meu olhar, o olhar de amarguras violentas
De alguém que, em contorsões, morreu, num grito,
Numa fogueira ou numa cruz.
Errei na dor da terra e na dor de infinito,
Varado pelos uivos das tormentas,
Odiado pela treva e odiado pela luz.

Numa transmigração de carne a carne, tive
Meus passos a vagar nos amargos desertos,
Meus olhos a chorar no mystério dos mundos...
Satan! Desci contigo o universal declive!
Caim! A tua magua, em meus olhos abertos,
Tem o espasmo dos barathros profundos!

GRITOS BARBAROS

Hugolino! Rugi de fome em tua fome!
Sysipho, em tua rocha ensanguentei meus braços!
Ainda a chamma do abysmo me consome,
Tenho as chagas do inferno e dos espaços!

Ainda guardo a impressão dos tormentos soffridos,
Quando, soldado á pedra, prisioneiro,
Senti a febre do universo inteiro,
No meu sonho de auroras e rugidos.
E eu,
Negro, vermelho, tragico, medonho,
Via, nas sombras do despenhadeiro,
A Humanidade sobre o Caucaso do Sonho,
Soluçar, entre raios e bolidos:
Prometheu!
Prometheu!

Ardi como uma chamma, outrora,
Preso dentro da carne inflammada de Job,
Todo vestido em chagas na agonia:
— Tinha no olhar a chamma de uma aurora,
E o meu vermelho espirito bramia
No incendio das feridas sobre o pó!

Todas essas visões, na noite do meu craneo,
Como a sombra de um grito apagado e medonho,
Rastejam no profundo subterraneo
Silencioso e sombrio do meu sonho.

Ave de arribação — de carne a carne, sigo,
Soffrendo tudo o que soffri outrora,
Todas as dores, todo o mal antigo,
— Calvario de almas onde uma alma chora.

E eu que me torso, e me retorso, e me contorso,
E soffro, e choro, e imploro, e clamo, e grito, e rujo,
Martyr do negro pensamento, cujo
Clarão me invade em dores e gemidos,
Na agonia do meu ser,
Sinto, em meu dorso,
O peso dos mil seculos vividos,
Na saudade fatal dos tormentos soffridos,
Na esperança immortal dos que ainda hei de soffrer...

X

ARGOVAN

Argovan é a árvore maldita onde
se enforcou Judas, condemnada a uma
perpetua floração rubra.

(De uma lenda oriental.)

Sinistra, vive essa árvore, vergada
A' maldição que em flôr e luz rebênta,
Como um anjo no exílio, sobre a estrada,
Vestido numa chlamyde sangrenta.

Flôres rubras accendem-lhe a ramada:
E' o anathema atróz, a dôr violenta
Que, entre a noite dos seculos, em cada
Galho, petala a petala, a ensanguenta.

Gloriosa floração vermelha e triste...
Como essa árvore, o Poeta é um sêr maldito:
Nelle tambem a angustia eterna existe,

Desfazendo-lhe em flôres a alma exangue,
Erguida contra as sombras do infinito,
Numa explosão de lagrimas de sangue!

A MUSICA

A Musica é um paiz de bellezas estranhas...
Ha paizagens de som, entre clarões divinos,
Quando os rythmos, construindo os bosques e as montanha,
Escrevem como um luar do peito dos violinos...

As paizagens têm voz... Ha florestas cantando,
E harmonias de dor no coração das rosas...
O luar dedilha a harpa da sombra... E, quando
A amargura enche o céu nas azas dolorosas,
Rezam as fontes, soluçando...

A aza da luz, chofrando as ramagens e as flores,
Lacera-se em crystaes no fragor das torrentes.
E o chão, que ondula e canta, em beijos e esplendores,
Lembra um passaro abrindo as rémiges trementes..

A's vezes, ha um vulcão que, em lavas, rompe os ares...
Erupções de harmonia! E' Wagner que se eleva!
As notas fumegando! As chammas sobre os mares!
As escalas subindo e descendo na treva!
Maremotos de som nas praias estellares!

GRITOS BARBAROS

Cataclysmos... O mar se abre. Esse vulto aflante
E' um continente de soluços... E' Beethoven!
Ha um surto de anjos no alto; ha um sonho delirante
Nos astros... Ha silencio... E, no silencio, se ouvem
As preces do silencio agonizante...

Chopin soluça e geme em lividos nocturnos...
Mãos de gelo andam no ar, numa nuvem sombria...
As pedras choram, quando os seus sonhos soturnos
Passam serenamente, abrindo a ramaria
Entre as preces azues dos lagos taciturnos...

O ouvido vê! Na luz das paizagens ignotas,
O ouvido vê surgir o campo do Intangivel.
O espirito do azul se corporiza em notas...

Deus se desfaz em sons e torna-se visivel.

INVOCÇÃO A' MINHA DÔR

Não arranques o lenho de tortura
Dos meus hombros... Estende, dos espaços,
As duas vias-lacteas dos teus braços,
Illuminando a minha vida obscura.

Vejo na propria luz teus rôxos traços...
Teu beijo me avermelha a fronte impura...
Mas quanto mais vacillo de amargura,
Mais os astros rebentam dos meus passos!

Dôr fecunda! Jamais, da angustia immensa
Afastes o esplendor em minha vista...
Tombe o amor! Tombe a gloria! Tombe a crença!

E, agonisante e mudo, ao sol profundo,
Eu despedace o coração de artista
Numa aurora de versos sobre o mundo!

XIII

A VOZ DA FATALIDADE

(Fragmento)

Sou a sombra de Deus, noite sinistra e enorme...

O vendaval que ruga e a estrella azul que dorme,

— Tudo—o lyrio e a blasphemia—é minha sombra astral.

Tudo é a sombra fatal de uma sombra fatal!

O universo que vê e o universo que vejo,

Cordilheiras de amor, crateras do desejo,

O Invisível a uivar, o Visível a arder,

O corpo que é um fantasma, o espirito que é um sêr,

O bronze que eterniza, o tumulto que chora, —

— Toda essa confusão de trasgos e de aurora,

Craneos e corações, berços e sepulturas,

Encadeio em grilhões de sonhos e amarguras...

Ergo o braço... e floresce um mundo! Desço o braço...

É um mundo roxa, em fogo, e abysma-se no espaço!

Meu olhar alumia e apaga o olhar dos céos.

Venus núa a arquejar, Isis dos sete véos,

Baal de bronze, Moysés de azul, Buddha de trevas,
São aspectos do meu semblante... Hordas e levas
De homens e astros esmago em minhas largas mãos.
Meu gesto é rude e atroz: lanço irmãos contra irmãos,
Os filhos contra os paes, na guerra... Os cataclysmos
Escorrem do meu gesto... As nações e os abysmos
Na luz do meu olhar é que alicerces têm...
Minha voz foi a voz que arrastou Laquedem.

O Calvario é meu berço erguido ao céu faiscante;
Waterloo é meu gesto estacando o gigante
No occaso infindo. Assim ordeno aos sóes: Tombai!
O Caucaso, o Thabor, o Golgotha, o Sinai,
São os braços da cruz onde cravei o Mundo.
E quando, aos borbotões, corre o sangue fecundo,
E a morte esmaga a terra em seus braços feraes,
E os abutres da peste erram nos vendavaes,

Como um rôto laurel de folhagens de treva;
— Quando o povo soluça e a miseria se eleva;
E o Vesuvio immortal dos prantos se abre em luz,
E, em cada olhar que chora, ha um Golgotha e uma cruz,
— Eu faço resurgir um sol rutilo e novo,
Lançando, á grande voz altisona do povo,
No Nilo da miseria, entre as ondas fataes,
O berço de Moysés das revoltas sociaes...

XIV

OS SUBTERRANEOS

Ha um surdo marulhar de almas escravizadas...
Ouve essa voz que sóbe das entranhas
Do mundo! Escuta as multidões
Desvairadas,
Cahoticas, estranhas,
Rolando em sonhos no trevor profundo
Dos subterraneos tragidos do mundo!

Oh! Como ruge o mar das almas em tortura!
Que horrivel soluçar, que ondas enormes,
Desconformes,
Tempestuando de amargura,
E encachoeirando em lagrimas raivosas,
E estrondando em marés de queixas dolorosas,
E espedaçando em vendavaes de dores,
Espumejando fel, relampejando horrores!

Tu, que vives á luz da vida,
Entre o fulgor de rosas e de espelhos,
Escuta esse fluir de Amazonas vermelhos,

Oceano de almas, torrentes de agonias!
Escuta as almas sombrias!
Escuta! São os reprobos da Vida,
Nos subterraneos da Vida,
Nos sete circulos da Vida!

Fui onda desse mar... Queimam-se os olhos
Visões amargas... Ainda a espuma
Das vagas me enche as palpebras em pranto...
Vim dessa treva, desse cahos de bruma,
Desse Hades
De escravos, desses barathros de escolhos,
Dessa gehenna de espanto,
Desses brazeiro de tempestades!

Homem! Sob os teus pés, ha Titans algemados,
Espectros encadeados,
Chorando emquanto ris, sangrando emquanto gozas.
Martyres cujo pranto crystallizas
Em diamantes,
Martyres cujo sangue extrahes em rosas,
— Diamantes e rosas com que tapisas
O leito de tuas amantes...

Sangue e pranto das multidões escravas
Nos infernos sociaes!

As rosas desabrocham como lavas...
Os diamantes têm gumes de punhaes...

A AGUIA

A Aguiã — beduina indomita — Deus fel-a
 A flamejante hyperbole do Ideal:
 A traço de azas estreitando a estrella
 A a cordilheira, na ansia universal.

Fel a a expressão do arroubo, errando pela
 sombra onde arqueja a caravana astral...
 A planície não póde comprehendel-a:
 A aguiã é do verme a antipoda immortal.

Fel a para a vertigem do Infinito,
 Fel para que, depois de ter, num grito,
 estalado as pennas no estellario azul,

Saudisse das rémiges fragueiras,
 sobre as almas e sobre as cordilheiras,
 As harmonias e os clarões do azul...

A' ANGUSTIA

Sinto-te em mim, como um vampiro... Sinto
Tua aza a fremir em meus olhos profundos:
— Persegues-me através o labirinto
De outras encarnações e de outros mundos.

Vejo-te na espiral rubra do Instincto,
Entre os meus gritos de tormento, oriundos
De ti, que passas no meu sonho extinto,
Como, no oceano, os ventos iracundos...

E, nas noites de angustia, em que se alarga,
— Mancha de sangue — a minha sombra amarga,
Entre os prantos de fel de que te nutres,

Tu, anjo, esmagas, em funereas chispas,
Meu craneo em tuas mãos, que, invando, crispas,
Negras, como dous tragicos abutres!

XVII

O CALVARIO DOS ASTROS

O azul, em fogo, se abre aos meus olhos violentos...
Minto a angustia dos céos! Vejo a angustia dos céos!
Resóam, no meu sêr, os estertores cruentos
Que o genio do infinito espalha aos quatro ventos.
E que a lingua do raio ergue nos escarcéos.

Ha tragedias de luz nas eternas voragens.
Fuzila em cada sombra a contorsão dum sol;
E, entre o crebro esplendor das cerulas paizagens,
Fulgem os astros como estranhas tatuagens,
No horizonte onde morre a chamma do arreból.

A angustia, em cada estrella offegante, irradia,
E a Noite, cujo pranto em diamantes reluz,
Mostra no seio azul, no esplendor da agonia,
Como sete punhaes no seio de Maria,
O igneo Setemptrião espadanando luz.

A Andromeda, algemada aos parciais da tortura,
Vendo o oceano de treva os pés lhe humedecer,
Contempla, em vão, Perseu sobre as praias da altura;
O Sagittario darda em flechas de loucura
E o Cysne quer cantar para depois morrer...

Inflamma-se o Scorpião de dourados venenos;
Silva a serpente; o leão move a juba, a rugir;
A Aguia, em seu vôo eterno, olha os anjos serenos;
Marte sacóde, em furia, o élmo sangrento! E Venus
Verte prantos de luar como gemmas de Ophir.

Angustia! Cada estrella é um coração em chagas...
Ferve em lavas de dor o Vesuvio do azul.
E a sombra de Jesus, entre as noites presagas,
Como para abençoar a amargura das vagas,
Descrava as mãos de sol do Cruzeiro do Sul.

Ao longe, dorme o vulto immenso e vulturino
Do Chaos; e, quando um astro arqueja de afflicção,
Dobrando as azas, diz o archanjo do Destino:
"E' a Dôr! Verga a cerviz sob o braço divino!"
Mas a sombra de Deus murmura: "E' a Perfeição."

XVIII

NOMADE

Triste e exausto, arrastei-me por sombrias
Terras de angustia, aos astros e ás tormentas,
Tendo nos olhos as visões violentas
De crucificações e de agonias.

Valles da morte, solidões nevoentas
Do tédio, abysmos de paixões doentias,
Enchi de sangue; e fiz, das pedras frias,
Brotar estrellas em caudaes sangrentas...

Nomade das paixões desesperadas,
Enchi de sonhos todas as estradas...
E o amor que todos têm — visão serena,

Que a vida de outros faz florir em chamma, —
Nó pude ouvil-o em boccas de gangrena,
Nó pude tel-o em corações de lama...

XIX

ARVORE NEGRA

Arvore de um paiz de tempestades,
Nas cordilheiras tragicas da Vida,
Tenho as raizes entre a rocha, e erguida
A fronte ás nuvens das immensidades...

Rangem meus ramos negros, á investida
Das procellas de torvas claridades,
Quando, ó Destino, os céos em luz invades,
E ardo num luar de sangue submergida...

E, ao beijo dos relampagos, estendo
Os braços nús, em commoções violentas,
Vendo as folhas rolar no espaço horrendo,

Sem uma aza em meus galhos soffredores,
Sem um riso de flôr, porque as tormentas
Passam despedaçando as minhas flôres...

XX

TURBILHÃO

Homem — reunião da Terra e do Infinito!
Duplo archanjo de argilla e de alvorada:
A carne presa á terra abominada;
A alma livre no azul radioso e afflicto.

Na peregrinação desordenada,
Verga-te o olhar de Deus ao chão maldito:
E, assombrando as estrellas com o teu grito,
Tentas prender os céos na mão crispada...

E vês, quando um clamor no além retumba,
Dous horizontes tragicos marchando:
— O passado e o porvir — o berço e a tumba...

Caminham sobre ti! No abraço forte,
Confundindo-se, esmagam-te, ullulando,
Nos sinistros relampagos da Morte...

XXI

ANGUSTIA DA NATUREZA

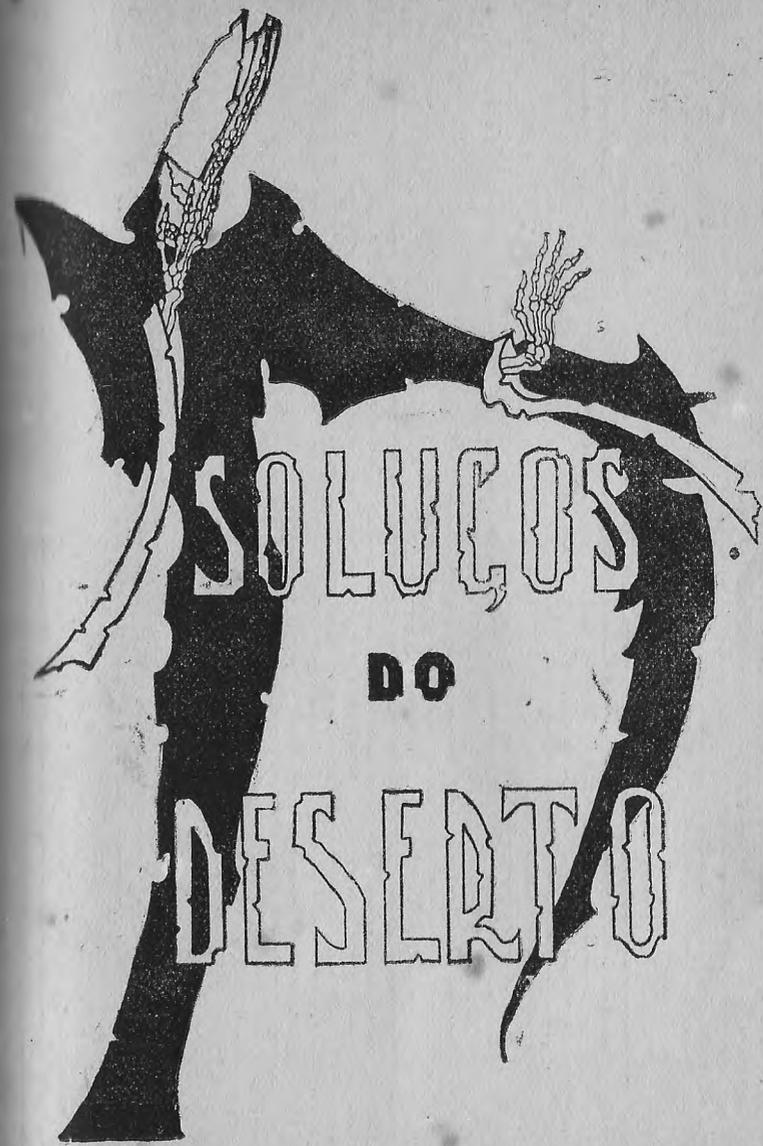
Soffro, em tuas angustias, Natureza!
Ardo no sol; blasphemo em tuas fragas;
E, dos mares na barbara grandeza,
Minh'alma espuma no fragor das vagas...

Minha grandeza, em teus delirios presa,
Rója entre abysmos, sobre as rubras plagas
Onde, arrastando os sóes na noite accesa,
Naufraga na ardua treva em que naufragas.

Tuas igneas volupias dolorosas
Marulham no meu sangue, abrem-se em rosas,
Em meu craneo... E, escutando os sons violentos

Da tempestade, gritõ nos teus gritos,
Arquejo nos relampagos afflictos,
Cravado sobre a cruz dos quatro ventos!





SOLUCOS

DO

DESERTO



BEDUINO

Olha o immenso deserto em que vivo chorando...
Nunca a sombra do amor desceu sobre os meus dias!
Dorme meu coração, cheio de um tédio infando,
Num tumulto de fogo e de areias bravias...

Tu, que eu amo, jamais com teu olhar tão brando
Tornarás num vergel este areial de agonias,
Com teus beijos florindo o aspero chão nefando,
Com teus risos enchendo o espaço de harmonias!

Soffro, em tédios de braza e clarões de martyrios...
Ah! mas tu — que és a irmã das fontes e dos lyrios,
E que espero ajoelhado e de braços abertos, —

Não virás a este amor de beduino e maldito,
Em cuja fronte pésa a afflicção do infinito,
Em cujo beijo amarga a areia dos desertos...

VESTITA DI COLOR DI FIAMMA VIVA

De que horizontes rubros e divinos
Desceste, aurora? Em que regiões celestes,
Abrazadas de sol, molhaste as vestes,
Entre nuvens, clarões, perolas e hymnos?

Abres as doces palpebras pesadas
De astros. E tudo se illumina em torno:
E em teu gesto de luz, dulcido e morno,
Ha a doçura e o calor das alvoradas.

Alva e afogada entre as vermelhas tramas
Dos teus vestidos, onde a aurora acôrda,
Tua carne de marmore recorda
Uma perola, occulta em mar de chammas.

Soltas, sobre os teus hombros de alvos lyrios,
Os teus cabellos humidos de estrellas,
Como um pendão dourado, aberto pelas
Marinhas solidões dos meus delirios.

E, em teus cabellos fulgidos, o vento
Emmaranha-se, atufa-se; e, ruflando,
Quando se sólta, a aza, no adejo brando,
Solta, toda banhada em sol febreto...

E onde passas cantando, nos espaços,
Ha soluços. E o chão, que, em luz, floresce,
Embebido de musicas, parece
Cheio da suave aurora dos teus passos...

Queres? Devassarei os universos,
Arrastando em meu surto as alvoradas...
E estender-te-ei as pobres mãos queimadas
Transbordando de gemmas e de versos!

Queres? Ainda a escorrer de sões vermelhos,
Arrastarei nos braços, preso, o oceano,
Como um verde condor de olhar insano,
Que eu domarei, em lagrimas, de joelhos...

Céos e oceanos em perolas e flôres!
Arrojo-os aos clarões do teu encanto:
— Como estrellas, as gottas de meu pranto,
— Meu verso abrindo, ao raio, um mar de dôres!

AMARGURA

Ah! não ser compreendido é a tortura do Artista!
Offegante, rompendo os joelhos pelas fragas,
Vê, debalde, fulgir, nas nuvens de amethista,
A miragem do ideal, entre as estrellas magas...

Arqueja; o vendaval de angustias que o contrista
Vem-lhe aos olhos sangrar em tristezas presagas...
Alça a vista: arde o céu tão longe! Baixa a vista:
Tão longe os corações a rolar como vagas!

E elle, que tem o azul preso no craneo afflicto,
Abre em flores de sangue a tréva dos abrolhos,
Ergue constellações de rimas no infinito...

Soluça de afflicção no deserto profundo,
Tendo os astros no olhar e a noite sobre os olhos,
Tendo os mundos nas mãos sem nada ter no Mundo!..

IV

DESERTO

Meu amor é o deserto ermo e triste, onde os ventos,
Em rondas de amargura, erram, tristes e incertos,
E onde o sol faz tremer, em lampejos violentos,
Os beduinos do amor vindos de outros desertos...

O horizonte, a esplendor em chammas de tormentos,
Dorme numa exaustão de tédio... Os céos abertos,
— Sangrentos, sucedendo a vastos céos sangrentos,
Esmagam no silencio os corações despertos...

E as caravanas vão, somnolentas e arfantes,
Buscando o oasis de um beijo, a aurora de outros olhos,
De onde surjam cantando as fontes marulhantes...

Ancia baldada! O sol requeima... O vento corta...
E, longe, a Esphinge estende o olhar sobre os escolhos,
Procurando o clarão d'uma miragem morta...

O SILENCIO EM QUE TE AMO . . .

E havia um lago florido e silencioso
a cratera dormia no coração do lago . . .
(De uma lenda.)

Meu amor é o vulcão da lenda do Oriente:
Uma cratera sob um lago ermo e silente.

O alvo beijo estellar transforma em prata as aguas;
E ouve-se o lento abrir de flôres, entre fraguas.
Chovem rosas no espaço . . . E o luar, suave e bemdito,
E' como um vôo de luz immovel no infinito.

Tudo em silencio . . . E, emtanto, ha um rebramir medonho
Na mudez em que te amo, em que te anseio, e sonho . . .
Vês sómente o florir dos lyrios somnolentos,
As rosas a sonhar na placidez dos ventos,
E, entre o frio do luar, as estrellas arfantes
Boiando na penumbra, a escorrer em diamantes . . .
Mas nem sabes a dôr que vive nesta calma,
As ondas de paixão rolando na minh'alma,
As chammas do vulcão dentro do lago escravas . . .

G R I T O S B A R B A R C S

Ai de mim! Quando o amor sóbe em cachões de lavas,
Ha tão frio esplendor nos teus olhos profundos,
Que, ante essa fria luz de outros céos e outros mundos,
Gela no meu silencio o clamor dos martyrios,
E as lavas da paixão desabrocham em lyrios...

VI

DOMADORA DO OCEANO

Eis a teus pés o oceano... E' teu o oceano!
Deusa do mar, teu vulto aclara os mares,
Esguio como um cyatho romano,
Nervoso como a chamma dos altares...

A alma das vagas, no impeto vesano,
Ajoelha ante os teus olhos estellares...
Eis a teus pés o oceano... E' teu o oceano!
Cobre-o do verde sol dos teus olhares!

Sou o oceano... E's a aurora! Eis-me de joelhos,
Ainda ferido nos tufões adversos,
Lacerado em relampagos vermelhos!

Sou teu, divina! E em meus gritos medonhos,
Lanço a teus pés a espuma de meus versos,
E as perolas de fogo de meus sonhos!

VII

TUA VOZ E TEU OLHAR

Branca filha de luar e da alvorada,
Entre flôres e musicas nascida,
Tens o céu na garganta perfumada
E um luar em cada palpebra dorida.

Na ancia de tua voz anda perdida
A alma de Ophelia, em sonhos de ballada...
E, em teu olhar cheio de aurora e vida,
Ha uma sombra — minh'alma! — ajoelhada.

Olhas... E enches de sol meus negros dias!
Falas... E tua voz rasga em minh'alma
Uma verde clareira de harmonias!

Falas e olhas... E, aos céos vibrando um grito,
Minh'alma ardente a aza do sonho espalma
E com a aza do sonho enche o infinito...

ENTRE A ARTE E O AMOR

“— Por que entre o nosso amor se ergue uma pedra fria?
“Ardo em ciumes, ao vêr, nessa estatua que adoras,
“Meu coração cravado ao marmore, á harmonia
“Do escopro que fuzila em tuas mãos sonoras!”

E a amante do Esculptor ergue a vista sombria,
Entre raios de pranto e amor... — “Por que demoras?
“Parte essa estatua! Vem beber a luz do dia
“No meu beijo, e sentir no meu seio as auroras!”

E, ante o mundo Esculptor, com as mãos divinas tenta
A estatua derrubar... O Artista, na amargura,
Ergue o cinzel nas mãos como uma estrella cruenta...

Fére-lhe o seio! E eleva, em rutilas scentelhas,
Entre a amante que morre e a estatua que fulgura,
O cinzel gottejando em perolas vermelhas...

IX

ESTRELLA PERDIDA

Em meu olhar, meu coração maldito
Olhava-a; muda e ardente, triste e ardente,
A estrella de ouro, dolorosamente,
Estendia-me os braços do Infinito.

Mal o sol abatia o vôo no poente,
Eu — o amante da estrella — ávido e afflicto,
Erguia os olhos para o azul bemdito,
Erguendo os braços para o azul fulgente.

Mas, ai! Nas sombras, a adorada estrella
Perdeu-se... E nunca mais tornei a vê-la
No coração da noite, a lampejar.

Hoje, torno a encontral-a — quem diria! —
A illuminar minha afflicção doentia
Dentro da noite azul do teu olhar...

X

INFERNO

Ardem, como vulcanicos diamantes,
Teus olhos: e, em teus olhos, vivo e arquejo,
Como a aguia, accesa num fatal lampejo,
Na volupia dos ventos delirantes.

Abres os braços; e, em teus braços, vejo
O céu abrir-se em marmores radiantes,
— Teus braços — horizontes flammejantes —
Onde agoniza o sol do meu desejo.

Surges do luar fremente dos meus hymnos;
E, abraço em febre, allucinado e cego,
A paizagem dos teus seios divinos...

E, abraçando-te, sinto ante os espaços,
A abrazada impressão de que carrego
Um inferno de marmore nos braços!

XI

AZAS

2.54.410-656a

Teu olhar (esse olhar que opp
Oltra-me o coração de peregrino,
Como um luar esgueirando-se, divino,
No ermo d'uma prisão cheia de pranto.

E como, entre a alvorada e a voz do sino,
Se erguem azas ao sol dourado e santo,
Minhas canções surgem de cada canto,
Do teu amor ao dobre matutino.

Buscam tua alma, em lucida revoada,
Ancias a que prendi, de mão tremente,
A aza do verso tremula e dourada...

Mas, no esplendor do teu olhar feridas,
Batendo as pennas dolorosamente,
Vão ca' r a teus pés de azas partidas...

ESPUMAS E CHAMMAS

Dôr que a rubra paixão do tropico incendeia,
Branca e virgem, no ardor dos sonhos causticantes:
A ancia, em que te referve o sangue em cada veia,
Afflora em teu olhar num clarão de diamantes...

A volupia do sol tua carne afogueia...
Ha luxurias de mar nos teus seios arfantes...
E, em teu corpo, que tem a brancura da areia,
Ha curvas sensuaes de praias fulgurantes...

Ah! ter beijos de oceano e ardor de um sol de lavas,
Mar que afoga o horizonte em perolas e brumas,
Sol que ensanguenta o céu e cresta as mattas bravas!

E—oceano e sol—no sonho ardente em que te inflammas,
Com os meus beijos cobrir-te em borbotões de espumas,
Com a minha luz queimar-te em turbilhões de chammas

XIII

VERSOS A' MINHA MÃE

Muitas vezes, a angustia, em minha vida obscura,
Em prantos me invadia o coração inteiro.
E orvalhavam-me a bocca os versos de amargura,
Como o sangue a escorrer das chagas d'um guerreiro.

E eu derramava o olhar em torno... Vida amarga!
Na cruzada do Ideal, luctei cantando... Em vão!
Nos terçados do mal partiu-se a minha adarga!
Nos infernos do amor ardeu meu coração!

Nó então entendi o teu amor celeste,
O' mãe! Vi-te, serena e augusta; e os olhos tinhas
Cheios dessa emoção que a minha vida veste,
Como o luar triste veste as solidões marinhas.

Vi-te, como te vejo, entre as dôres terrenas.
E, em minha angustia, olhando o teu divino olhar,
Eu sinto, sobre a fronte, um fremito de pennas,
— Tua alma vem, sobre mim, as azas debruçar...

E' que tu és o céu do meu triste horizonte!
E embora os odios vis do Mundo, aos mil e mil,
Aos milhões e milhões, venham ferir-me a fronte,
Tendo a ti, que és o céu, que importa o Mundo vil?

Tudo que existe — a Gloria aberta em luz e flôres,
Bronze de carrilhões troando e retroando aos ares,
Apotheoses, laureis, fama. gritos, clangores, —
Não vale, ó mãe! não vale um só dos teus olhares!

Ah! Despenhem por terra as torres e mirantes
Que elevei, pelo azul, com lagrimas de dôr!
Mas que se curve, sobre as ruínas soluçantes,
Cheios de astros, o céu do teu divino amor!

XIV

VIA CRUCIS

Triste, debruço o meu olhar errante
Por essa estrada asperrima e esse acclive
Onde ensanguento os joelhos, e onde estive
Chorando sempre, instante por instante.

Olho... Fulgem, na areia causticante,
As lagrimas de dôr que não retive,
E que verti nesse fatal declive,
Na jornada de Bardo e Bandeirante.

O sangue que verti dos pés feridos
Eu vejo, agora, re florindo em lyrios
Na aridez dos caminhos percorridos:

E na ancia de ver perto os universos,
Eu marcho, abrindo ao sol dos meus martyrios,
A floração tristonha dos meus versos...

HARPA DE MARMORE

Abres languidamente os braços, e pareces
Um cacto abrindo, em sonho, as petalas brilhantes...
Mergulhada num luar de incendio, resplandesces...
E, em teus olhos, referve o fogo dos diamantes...

Teus braços, como dous arrosios de alabastro,
Se estendem... Teu olhar, que fulge como um astro
De luxuria, me envolve em brazas e scentelhas...

E tua carne canta... E's uma harpa marmorea!
Teus nervos cantam! Canta o teu sangue, na gloria
Do desejo, explodindo em musicas vermelhas!

HOLOCAUSTO

Para encarnar o Amor, a Belleza e a Virtude
Na aurea rima, fulgindo igneas inspirações,
Trabalha o Poeta! E grava o eterno ideal que o illude,
No marmore em que rasga ansias e commoções.

Trabalha! Em cada linha, imprime a magnitude
Do sonho; arranca o ideal dos negros corações,
Crava-o na pedra em flôr, no sacrificio rude
Que tu, Arte Divina, a todo artista impões!

Em cada linha, rompe estrellas de ouro; em cada
Curva, rebenta um luar, implanta uma alvorada...
Mas, ai! fallece á pedra o sangue gerador!

E chora o artista não poder dar todo o sangue
A' pedra! E, inerte, e exausto, e rôta a veia, e exangue,
Vêr a pedra cantar! vêl-a rugir de dôr!

XVII

VOLUPIA DE ARABE

Ha, no esplendor atroz dos teus olhares,
As immensas paizagens dos desertos,
Onde os delirios, como sóes abertos,
Banham de luz, na treva, oasis e altares.

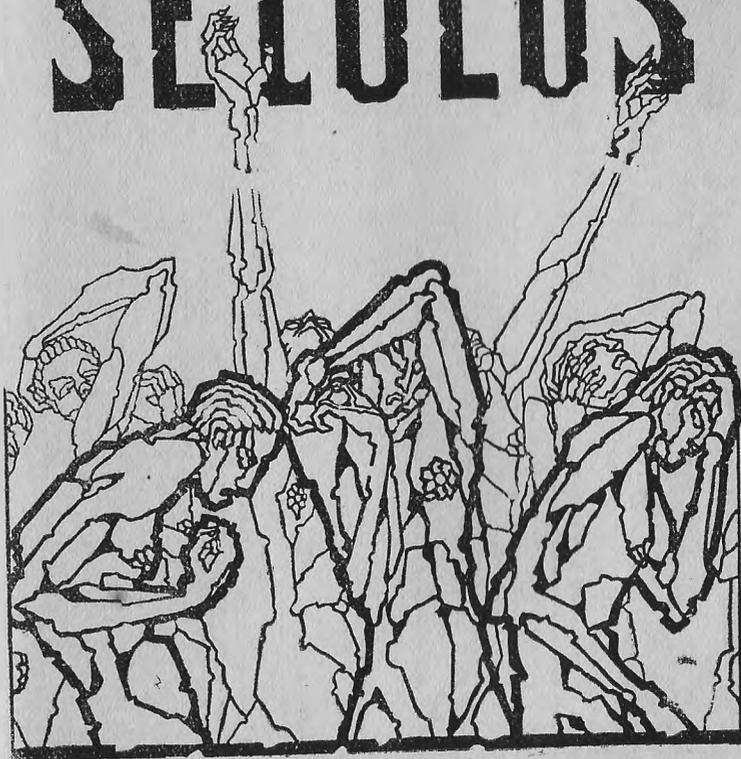
Tua patria se agita em fogo e luares,
Nos teus olhos magnificos e incertos:
A Arabia ardente — a terra e os céos cobretos
De auroras, de almadenas, de palmares. . .

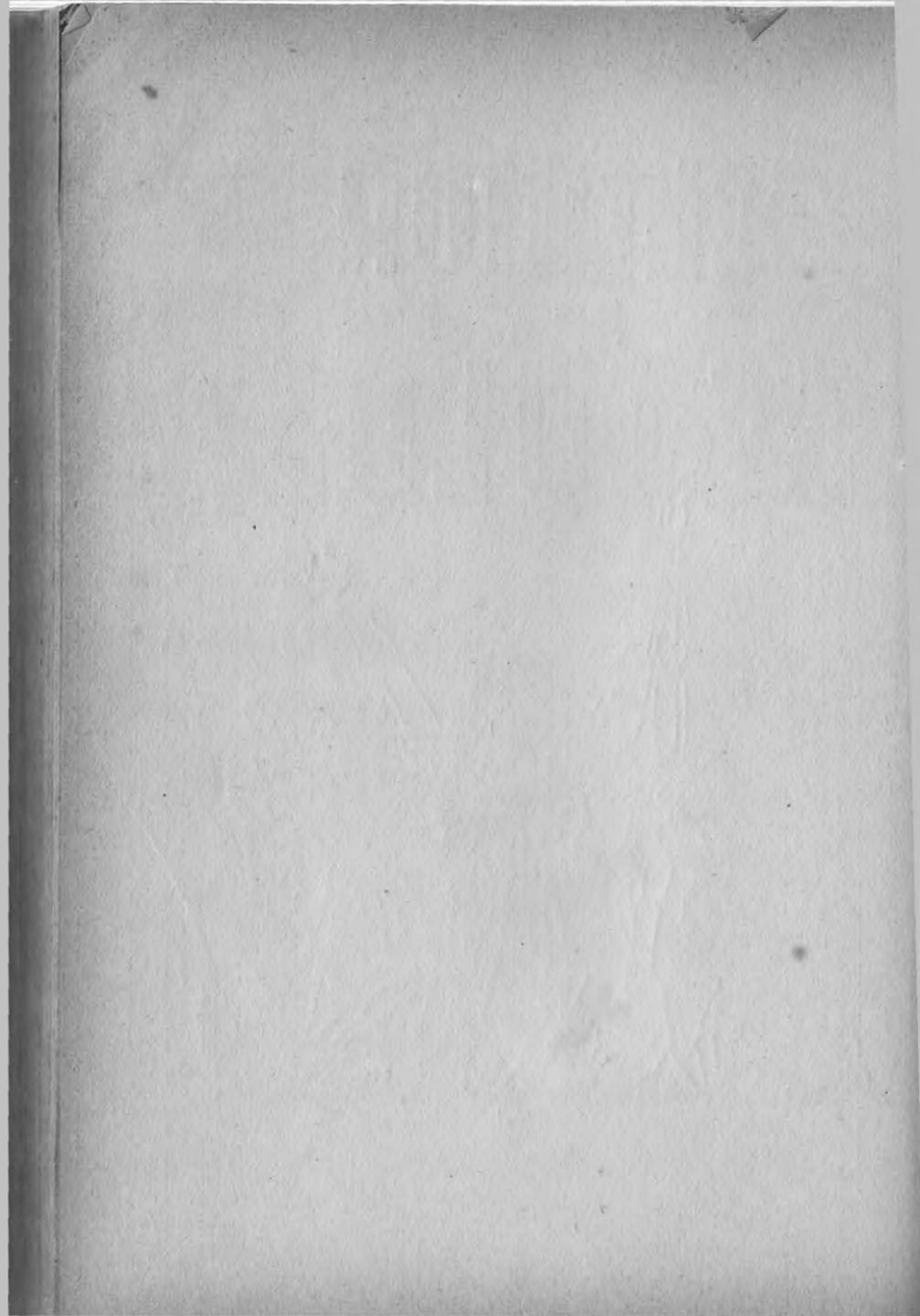
E, quando me atormentas em luxuria,
Ensanguentada de uma luz purpurea,
A Arabia nos teus olhos surge em brazas. . .

E' o cyclone! E' a procella das areias,
Que passa erguendo o incendio em tuas veias,
E nos teus beijos desdobrando as azas!



CLAMOR DOS SECULOS





I

AMERICA

America sublime! Em teu braço gigante
De fogo e de granito,
Ergues, á rude voz do oceano afflicto,
O boré trovejante
Do Equador!
E a musica de luz, que invade o espaço,
Conclama as almas para as grandezas,
Arrebata as nações, accesas
No mesmo sol, no mesmo ideal, no mesmo abraço
De progresso e de amor!

Arvore colossal, cujas raizes
Mergulham nos mares,
— São teus galhos os paizes
Onde os Andes, nas sombras estellares,
São ramagens de pedra a florir em crateras...
E' chegado o esplendor do teu destino:
Estende os ramos sobre o mar divino,
Inundados de gloria e primaveras!

Aturdido de infinito,
Cego de astros, louco de azul,
Como um índio que ruga ao sol nascente,
America, a teu céu lanço o meu grito,
Beijando a terra ardente...

Nasci sob o clarão do Cruzeiro do Sul:
Vim de tuas entranhas
Como a torrente, como a planta, como a fraga,
— Rocha de tuas montanhas,
Arvore de tuas mattas,
Onda de teus mares, vaga
Arrastada nas tuas cataractas!

E eu, que vim do teu seio igneo e fecundo,
Ouço-te o despertar, escuto a voz dos Andes,
— Índios de pedra desafiando o Mundo,
Na grande aurora em que te expandes...
Vejo as tuas montanhas acordando...
Tuas cidades marulhando...
E o braço do Amazonas agitando
A pororoca, em vortices nevoentos,
Como um pendão de espumas, entre os ventos!

G R I T O S B A R B A R O S

Este seculo é teu! Brande, e encurva, na altura,
Teu arco, desde o Norte em gelos
Ao Sul coberto pela neve immensa...
Sacode sobre a terra os teus cabellos
Gottejantes de soes, onde fulgura
O teu cocar de estrellas zodiacaes!
E do arco enorme lança á treva densa
As flechas do esplendor, cobrindo a terra,
— Flechas do genio onde o teu sol se encerra,
Flechas do sonho, flechas da energia,
Juncando o Mundo, deslumbrando o dia,
Nos diluvios da luz, no arranco dos ideaes!

II

HOLOPHERNES

(EXCERPTO)

.....
.....

Holophernes! Teu sol declinou de teus dias...
Tombaste quando o deus das victorias bravias
Marchava, á tua sombra, através dos combates...
Tu vieste — sementeiro do incendio — desde o Euphrates,
Erguendo em tua rota as florestas vermelhas
De hecatombes... Teu gesto arrancava scintellas
Das montanhas! Teu braço, em tôrvos paroxismos,
Brândindo a espada, era uma cometa em cataclysmos!

Teu grito de batalha estremece os astros...
E deixavas, atrás dos teus funestos rastros,
As cidades erguendo ás noites da desgraça
Os bramidos de fogo e os braços de fumaça...
Os rios de crystal mudavam-se em vermelhos...
Passavas... E, de horror, os pincaros, de joelhos,
Fremiam... Tsoba, Hamath, á luz dos céos abertos,
Viram-te atravessar a noite dos desertos
Conduzindo um tufão de corceis e de lanças...
Embebeste de sangue, em saques e matanças,
Os valles que Nemrod abalara em clamores...
Bassam em sonho, Aran em luz, Gozan em flores,
Inundadas de azul, tão meigas e tão puras,
Abriste-as num abysmo enorme de amanguras...
Fizeste da Iduméa um deserto de escombros...
A Lícia é uma agonia... A Syria traz nos hombros
Todo um poema de dôr escripto em luz e chagas...

Eras o vendaval que leva em furia as vagas!

E tu, que o mundo via apparecer tremendo;
Que prendias no arçãõ do teu corcel horrendo
Cidades e caudaes, planicies e montanhas;
Tu, que a terra agitaste, e abalaste as entranhas
Do céo; tu, que afogaste em sangue o mar infindo,
Onde estás que não vês teus esquadrões fugindo?

.....

MORTE DA AGUIA

Houve um grito de dôr varando as nuvens, quando
A aguia, em pleno clarão dos astros, despenhando
Rolou do azul — da curva intangível e vasta
Onde o Tempo os milhões de igneos mundos devasta...

Ainda entre o espaço em fogo e o sólo áspero e infando,
Sente todos os sóes, todos os céos rolando
N'alma. E ella — a irmã da luz, a gloriosa dynasta
Do azul, — num chão de febre a realenza arrasta.

Eil-a, vencida... O céu, como um leque de brazas,
Abre o esplendor da aurora. E a aguia, rojando as azas,
Fita a noite que foge e o sol que em sangue escore...

Bate as azas... Estende a vista peregrina...
Sente, em chammas, arder, na sombra da retina,
O glorioso clamor das amplidões... E morre.

IV

PARA O INFERNO DA SIBERIA

(EXCERPTO)

Marcha sinistra! O céu chorando neve... Os ventos,
Como lobos a errar nos plainos alvacentos,
Uivam nas solidões... Ha tetricos gemidos
Varando a noite. E a noite, aos ventos desabridos,
E' um tumulo de neve a transbordar de horrores.
A turba colossal de espectros soffredores,
Na algida maldição que rola dos espaços,
Caminha, contorcendo, em supplicas, os braços,
Sobre os quaes arde a espada e a chibata se agita.

Rangem ferros; arqueja a multidão maldita,
Que, entre algemas, cruzando os ermos agoureiros,
Deixa constellações de sangue nos geleiros...

A's vezes, sobre o sólo, ha um vulto que se abate...
Logo, rompendo a sombra, uma espada escarlate
Relampeja... Marchai!

E a turba marcha arfando,

Na tréva que suffoca o deserto nefando...
Marchai! E' sempre o gelo! A aza branca do inverno
Amortalha a amplidão d'esse sinistro inferno!
Sempre o desmoronar de aludes no horizonte!
Sempre a jornada atróz sobre planicie e monte!

Que tragedias no olhar dos vultos anhelantes,
Mordidos pelo ferro, ao silvo dos tagantes,
Como um sonho de horror que passa nos desertos!

Este tem na retina os reflexos incertos
De uma alva rubra; aquelle, ensanguentando os pulsos
Nas cadeias, afoga os olhares convulsos
Em blasphemias de dôr no céu fechado e mudo...
Homens fortes! Titans de rosto ardente e rudo,
— Corações a explodir em prantos e vingança,
Que o destino abrazou no vulcão da esperança,
Arrojando-os ao mundo em turbilhão de lavas!

O' martyres da Russia! O' multidões escravas!

V

HOMERO

Sobre a rocha da angustia, o Artista ergue os seus hymnos:

"Dôr divina! O esplendor dos teus braços divinos

"E' o beijo que fecunda a terra anciosa e accesa.

"Terra negra onde brota a arvore da Belleza,

"Prendendo o coração triste dos sonhadores

"Nas raizes, e erguendo as ramagens dos versos.

"Dôr divina! Jamais deixes de, aos sóes adversos,

"Proteger-me. Jamais me negues a amargura...

"Jamais me negues o teu beijo... A noite escura

"Dá mais vivo esplendor aos astros solitarios.

"Ha tragedias de luz em todos os Calvarios.

"A lagrima na terra é aurora no infinito;

"E' luz o fél; é luar a préce; é estrella o grito.

"O coração do Artista é Protheu sobre os mares,

"Sacudindo, na luz lethargica dos luares,

"O archote sideral de lagrimas e sonhos.

“Eschylo, delirando, entre os tufões medonhos,
“Foi, em sonho, arrastado ao Caucaso nefando:
“E soffreu sobre o monte; e estorceu-se chorando;
“E sentiu na garganta estertores e gritos;
“E viu Zeus arrojar trévas e uranolithos
“Nos seus hombros; e urrou nas auroras supremas,
“Para poder prender, na rocha dos seus poemas,
“Prometheu, mergulhado entre os bulções das éras.

“Hã nas chagas de Job lampejos de crateras;
“Dante uivou de martyrio ao fogo dos horrores,
“Para erguer, como um mar de braços rugidores,
“Seus tercetos...

E a Dôr, como um anjo bemdito,
Impassivel, distende as azas no infinito;

E, quando Deus embocca o seu clarim profundo,
Ella deixa tombar sobre as urzes do mundo
Uma lagrima, á luz do azul sereno e austero...
E esta lagrima diz: “Homens! Eu sou Homero.”

FLAGELLUM DEI

Só, no horror da procella, Attila — o abutre — pensa.
Pensa. Arde o céu. Soturno e barbaro, o seu vulto
Vacilla entre os clarões rubros da noite immensa,
No horrífico esplendor da tempestade occulto.

Em seu craneo, onde raiva um temporal medonho,
Turbilhonam visões como aguias infernaes,
Envolvendo o horizonte immenso do seu sonho
Nas convulsões eris da alma dos vendavaes!...

Resfolga, respirando as musicas violentas
Do raio. E treme todo: o tigre acórda! Olhai-o:
Engue o olhar desafiando a raiva das tormentas,
E as garras contra os céos para prender o raio...

Eil-o, convulso, a arfar em delirios ferozes...
Sonha! Sonha prender o Mundo nos seus braços,
Rompendo-o na eclosão das batalhas atrozes,
E aos pés de Deus lançando os negros estilhaços.

Tu, procella de fogo, e vós, raios sangrentos,
Trevas! Não sereis mais que blandicias e affagos,
Quando elle, em torvellinho, apavorar os ventos,
E os deuses abalar em seus templos aziagos!

Ouves? Esse clamor, que agita os céos, é o Rheno
Que treme e chora! São as sylphides em flor;
Lá desertam do bosque, onde o Edelweis sereno
Fecha os elfos do luar num carcere de amor...

A Europa grita! Os céos urram de dor! Os montes,
Na assombrosa evulsão do pavor formidando,
— Cordilheiras de dor prendendo os horizontes, —
Para os braços de Deus atiram-se ullulando!

E elle passa! E atropela as sombrias edades,
— Relampago a rolar num rio de trovões.
Onde elle pousa o pé, rebentam tempestades;
Onde desfralda o grito, erguem-se as maldições...

Rugem humanos cháos, num vortice profundo:
Os Barbaros! Lá vão — cadeia de igneas tramas, —
E os céos, lividos, vêm, sobre a fronte do Mundo,
A grinalda infernal das cidades em chammias.

E quando elle, excidindo as cathedraes e os cultos,
Crispa as mãos, assombrando e apavorando o Eterno,
Na dextra, esmaga os céos e seus deuses inultos;
Na sinistra, levanta, alcandorado, o Inferno.

Ah! Como a aguia, fatal, ha-de invadir a altura,
Numa escada avernal de borrascas de luz!
E Attila, a arder de sonho atróz, se transfigura;
E, num gesto faiscante, abre os braços em cruz...

.....
Deus, porém, que lhe ouvira o sonho entre a nortada,
No infinito o esquadrão dos ventos aquartella;
E ergue na vasta mão, timida e immaculada,
A estrella d'alva sobre as ruinas da procella...

E, ante os seus olhos vis,— duplo abysmo de assombros,—
No gesto resplendente e immenso do arrebol,
Deus sorri, levantando a alvorada nos hombros...
E o sorriso de Deus flammeja... Surge o sol.

NAPOLEÃO

Santa Helena. O occidente arde de vaga em vaga.
Azas... Só, Napoleão, vendo a noite sombria
Vir, o olhar de aguiá accende onde a tarde se apaga
E onde o oceano o collar de musicas desfia...

No horizonte flammineo, em vascas, tomba o dia,
Sob o gladio eversor que a noite brande, aziaga.
Sombra. Vesper... O leão de França o olhar desvia,
Baixando á vaga em flôr que vem cantar na fraga.

Senhor! Nunca o abandona essa visão violenta
Que lhe ensanguenta o somno e os dias lhe ensanguenta:
Waterloo! Waterloo!... A noite desce... avança...

E leva a mão ao peito... Ah! coração! não bates...
Ah! Ficaste, depois dos ultimos combates,
Assombrando as nações, crucificado em França!

VIII

MATER DOLOROSA

“Videte si est dolor sicut dolor meus”

— Evangelho.

Quando o espectro da Cruz, braços na noite abertos,
Fez tremer de afflicção os sinistros desertos
Da Vida, onde chorava a Humanidade, — um grito
Tombou de treva em treva, assombrando o infinito.
E aos olhos de Jesus, cujo esplendor celeste,
Em blandicias de luar, o azul das almas veste,
Passou como um clarão toda a odysseá ingente
Que elle soffrera, só, martyrizantemente,
Na ansia de conduzir ao Ararat da crença
Um punhado de heróes, dentro da barca immensa
Da Fé. Surgiu, á luz angelizante e clara
Do verbo de Elohim, a multidão ignara,
Caminhando regiões todas floridas de astros,
— Mar de almas a rolar na sombra dos seus rastros...

Viu-se, nas multidões, o coração partindo
Num turbilhão de sóes, para aclarar o infindo
Sahara do soffrimento, e para illuminar
O cancere fatal que toda a angustia encerra,
Galeante na amplidão com um navio — a Terra, —
Entre opalas do céu e esmeraldas do mar...

Viu-se, em prantos, depois, no Horto das Oliveiras,
Bebendo da amargura as gottas derradeiras;
E, empós do beijo vil de Judas, viu-se exangue,
Lembrando, ao percorrer a estrada do tormento,
De tão tragico, tão flammante, tão sangrento,
Uma chamma, um incendio, uma aurora de sangue.

E, levantando o olhar ao concavo profundo,
Viu-se desfeito em sol, abrazando os desertos,
Abrindo os corações, e os corações abertos
Fazendo rebentar em preces pelo Mundo,
Quando o verbo de Deus — estrella dos pastores, —
Qual semente plantada á sombra azul da Cruz,
Se arrojasse no céu, num vortice de flores,
Sobre as almas erguendo uma arvore de luz.

Nisto, a voz de Maria, allucinada e afflicta,
Em lagrimas compondo a musica bemdita
Do amor materno, veio a tréva encher de dor,
Qual si um rio de pranto, á noite do Calvario,

Viesse se desprender pelo infinito estuario
 De um coração de mãe, numa explosão de amor:
 — “Meu filho! (E a propria cruz tremeu de commovida.)
 Regressas para o azul, de onde desceste á vida...

Morres, livido e mudo, ante os ermos espaços...
 Arranca-te da cruz! Filho, desce a meus braços!
 Nem sinto no meu seio o coração clamando,
 Ao vêr-te, exaustado, só, sangrento, semi-nú.
 — E' que elle estala em dor, neste madeiro infando,
 Crucificado em ti... Meu coração és tu!”

E, alçando o humido olhar de cérulas tristezas,
 Sentiu que, na explosão do seu immenso amor,
 Sendo mãe do Rabbi, — grandeza das grandezas, —
 Era sómente mãe...

E succumbiu á dor.

— “Oh! — de novo tornou — abriste ao Mundo o trilho
 Do Bem, no sangue teu, — rubra aurora do Bem;
 Mas não sabes, Jesus, não viste que, meu filho,
 Pregando-te na cruz, pregaste-me tambem?”

Christo, baixando o olhar de divinos fulgores,
 Onde a alma foi buscar zodiacos de luz,
 Ergueu a voz (e, em sangue, ardia, aberto em flores,
 O cruzeiro-do-sul das chagas de Jesus):

— “Mãe! Espalha o almo luar dos teus olhos divinos
No mundo onde se expande o divino clarão...
Vê! Da minha tortura ha-de romper, em hymnos,
O coração de Deus em cada coração!

Vê, dolorosa Mãe: a alma, como outro Christo,
No homem — a cruz de carne — arfava em prantos e ais!
E eil-a! Banhada em sol, como um astro bemquisto,
Embebe no infinito as azas supernaes!

Sinto o sangue ferver, entre espinhos, na fronte!
Sinto, em ansias de fogo, arder, na bocca, o fel!
Mas vejo flammejar, nos longes do horizonte,
As grandezas de Deus, marulhando em tropel...

Não chores, minha Mãe... Dos abysmos malditos,
Meu sangue alvoreceu nos dominios de Deus:
— Arranquei duma cruz a Humanidade em gritos,
Nos braços desta cruz prendendo os braços meus!”

Calou-se. Erguida aos céos, formidavel e fria,
Rasgava a noite a cruz; e, pregado na cruz,
Ardia o coração dorido de Maria
Dentro do coração dorido de Jesus...

IX

GARUDHA

“Je suis ton ami, Kakousthide, et, pour ainsi dire, une seconde âme que tu as hors de toi; je suis le propre fils de Kaçiapa et je suis né de Vinata, son épouse.

Je suis Garudha . . .”

Ramayana—Valmiky, trad. franceza.

Mal o negro fakir que habita o espaço — a noite —
Limpa o sangue do céu na mortalha do luar,
Tu, Garudha infernal, vibras, na altura, o açoite
Das azas, sacudindo o concavo estellar.

Deixas a Paucongi, a gruta, onde rebenta
A horrída contorsão das vagas rebelladas,
E ella, cravando o olhar em tua sombra cruenta,
Uiva, saudosa, e abala as equoreas arcadas.

O Himalaya, cruzando os braços de granito,
Enche no olhar de pedra o vacuo bramidor.
— Tu és o coração horrível do infinito
Que despenha na noite, entre aulidos de horror.

E, horizonte a horizonte, enches o céu com as azas.
E os turbidos tropeis de ondas, em rebelião,
Fogem; fogem de ti os negros Rakschasas,
Na noite da caverna a estorcer-se no chão.

Os abysmos — galés de assombro — olham-te urrando.
Passam sobre os torreões das cidades do Ganges,
Como, ao rude trovão das trompas, no ar infando,
Passa um rubro pendão numa selva de alfanges.

Aos teus pés, ó Garudha, os gigantes das vagas,
Desgrenhados, eris, erguendo os hombros nús,
Ouvindo a aza feroz com que domaste os Nagas,
Deixam de urrar á noite e apostrophar a luz.

E pairas sobre a terra; os teus braços ferozes
— Dous raios gemeos — têm relampagos de furia:
Descem; e a infausta presa, em lugubres nevroses,
Amastam pela noite, em senda atra e purpurea.

E, varando o clarão do luar, vibrando o açoite
Da aza, levando-o vaes como um negro trophéo,
E tomba o sangue, no ar, pelos hombros da noite,
Como estrellas de fogo escorrendo no céu.

X

AO SOL DOS AZTECAS

Meu paiz de vulcões floresce em lavas, ante
A febre altriz e ultriz do teu olhar invicto:
Tonathiu! Arrojei meu coração arfante
A ti, vulcão dos céos, nas azas do meu grito.

Ao teu fulvo esplendor mais rijo que o diamante,
Nas pedras, onde pulsa o coração afflicto
Do Orizaba, estendi o bosque deslumbrante
Dos sagrados torreões dos teopans de granito...

Tonathiu! Ao teu raio, o sangue accende as aras,
E a angustia dos vulcões, nos teus vastos dominios,
Sóbe aos astros e rompe as alvoradas claras.

E o Mexico, desfeito em brazas, verga os joelhos...
E tu, guerreiro Sol, varas-lhe os céos flammineos,
Com a lança divinal dos teus raios vermelhos!

XI

ESCHYLO

“Il y a de l'Inde en lui.”
W. Shakspeare — V. Hugo.

Eschylo — ó mestre enorme! Em teus versos arrastas,
Como pétreos grillhões, cadeias de montanhas;
E bracejam na treva as florestas nefastas,
E os astros fervem, no ar, em luminosas sanhas!

Oceanos de trovões e de mastros atrozes!
Vibra a noite eriçada em versos trovejantes,
E, entre valles de febre e montanhas ferozes,
Acachôam-se, ruindo, as almas dos atlantes!

Vejo a tua alma, através as vagas dos teus versos,
Como, através a noite, o vortilhão dos astros!
Mar de allucinações! Pélagos de universos!
Behemoths, leviathans e garudhas denastros!

Dardeja a maldição na adusta rocha de Ares;
Atrida ergue os torreões fantasticos e odientos,
Como cardos de horror no horto branco dos luares,
No roseiral dos sóes, na floresta dos ventos!

O clamor de Cassandra! Ah! Cassandra é o destino.
Que num lyrio se abriu sobre os invios escolhos.
E' a flôr e a maldição: um mesmo sol divino
Arde-lhe na garganta e esplende-lhe nos olhos.

Surge, na alva sinistra, a alma de Clytemnestra;
— Lyrio branco e maldito orvalhado de sangue!
Orestes é o tufão brandindo o raio á dextra!
Electra — a fonte de ouro ao luar divino e languê...

As Oceanides vão, com os cabellos de espumas,
Nas rochas de tua alma, em verdes tonvelinhos,
Nos braços arrastando o oceano em verdes brumas,
Nos olhos agrilhoando os soluços marinhos.

Tudo em tua alma perpassa! As Furias, desgrenhadas,
As Erymniás, urrando, entre sóes e diamantes,
Tua alma radia aos céos, crivada de nortadas,
Juncada de trovões, marulhante de poemas,

Mestre — deus monstruoso! O teu vulto, rompendo
A eternidade, ensombra a terra e o céu afflicto.
E sobre a tua fronte, em lampejos ardendo,
Como um diadema azul pésa o proprio infinito.

Ah! o braço da noite, entre hypogeus brumosos,
Arrojou no sepulcro os teus poemas ingentes,
Que immergiram, no estuar dos évos tormentosos,
Como aguias a engolphar-se em flammigeros poentes.

Na hecatombe do Tempo, os versos submergidos
Espalharam no mundo os furacões de espanto.
Mas ficou Prometheu, nos penedos tranzidos,
Com os olhos a ferver no céu lavas de pranto.

Ah! ficasse sómente esse gigante... Embora!
Ficasse contorcendo os musculos no espaço,
Agitando em trovões de angustia a noite e a aurora,
No estridor dos grilhões de relampagos de aço!

Ficasse! E no seu craneo a procella ergueria
Seu ninho; e, á noite, o mar, contemplando as espheras,
Marulhara: — Quem é? Que negra penedia
Cobrindo o céu, resiste ao vagalhão das éras?

E o céu responderia ao mar verde e assombrado:
— Treme, ó mar! Prometheu, sustendo a noite no hombro,
E' o proprio coração de Eschylo, acorrentado
Nos penhascos do Horror, no Caucaso do Assombro!

XII

SYSIPHO

Como a rocha de Sysipho, arrastando
A rocha do meu sonho, ergui-te o grito...
E ainda me fére os pés o chão nefando!
E o luar de angustias tomba do infinito!

Cercam-me as aguias negras, esvoaçando;
Em flôres rôxas rompe-se o granito.
E eu marcho... E o raio, as tenebras rasgando,
Junca-me de clarões o olhar maldito!

E eu não posso alcançar-te! O céo medonho
Me foge ás mãos, repleto de azas cruentas...
Mas dá que a rocha do meu proprio sonho

Role, a esmagar-me... E, á luz dos sóes adversos,
Eu possa erguer-te minhas mãos violentas,
Constelladas de chagas e de versos!

XIII

VICTORIA DE SAMOTHRACIA

Um dia, do cinzel a aza de pedra abriste,
Como o espectro do luar erguendo o vôo faiscante,
Tu — prisão de ti mesma — olhaste o espaço triste,
Onde as estrellas são estatuas de diamante.

No eboreo coração das montanhas de Paros,
Sendo pedra, ainda pedra informe e presa ao monte,
Sonhavas possuir a aza dos luares claros,
Como as aves da Idalia e os versos de Anacreonte.

Como um raio, o cinzel derreteu-te as algemmas!
Foste estatua! Tiveste azas! E, immovel, voaste.
E as rémiges que o sol afogava entre gemmas,
Como petalas, no ar, tremeram presas na haste.

Mias, no Mundo, o tufão dos seculos atrozos
Sobre ti tumultuou e tentou esmagar-te.
Era o Destino — a mão que apaga as apothéoses,
e arrasta, em sonhos, a alma; e arrasta, em gritos, a Arte.

Viste as tuas irmãs, as estatuas feridas,
Transmigrar para o azul em douradas scentelhas,
— Porque as constellações são columnas partidas,
E as alvoradas são cariatides vermelhas!

E ficaste, partida, erguida ao luar divino,
Sem braços e sem fronte, hirta e decapitada;
Mas as azas... Não poudes o braço do Destino
Tuas azas partir em queimante lufada.

Victoriosa derrota! A procella e a bonança
Transpões em tua angustia, abrindo a immensidade,
— Sem mãos para prender os astros da Esperança,
E olhos para chorar os astros da Saudade!

XIV

HANNIBAL

Em Sagunto, num fim de tarde. Hannibal, rude,
Vestido num clarão de crepusculo vago,
Sente, nalma, passar, em tragica attitude,
Rubra, a escorrer de sangue, a visão de Carthago.

Embora o Mundo, ao cruôr das batalhas, se escude
Em barreiras de incendio, elle, entre a luta e o estrago,
Ha-de a Historia vergar, em raiva e magnitude,
Coroadado de fogo, ensanguentado, aziago!

Roma! Longe, detraz do occaso em chammas, hiulco,
Entre um luzir de lança e um balanço de vela,
De aza envergada, rasga o Mundo, em flammeo sulco...

E Hannibal vara o occaso em seu olhar afflicto:
— E, em seus olhos de tréva, irrompe uma procella,
— E a alma cheia de sonho invade-lhe o infinito...

FIUME OU MORTE!

A Europa em sangue! Os céos uivando! Os horizontes
Varados de fuzis e rios de aço! O Norte,
Rude e armado, descia os legendarios montes,
Sacudindo o universo em fremitos de morte.

A Allemanha! A visão dos barbaros convulsos,
Rompendo a noite densa em barathros ingentes;
A Belgica vergava, e lhe soldava aos pulsos
Um diluvio de bronze, em bategas frementes.

Lividas, no tufão dos raios, desgrenhando
Os cabellos á luz horrifica da guerra,
Marcharam as nações contra o fantasma infando,
Cujo passo esmagava, em luto e horror, a terra.

Mas a Italia, indecisa ao furacão de brazas,
Vendo a aza salpicar-lhe as gottas do diluvio,
Vacillava; e, interdicta, equilibrava as azas,
Entre o luar de Veneza e a raiva do Vesuvio.

E o teu brado, ó Dannunzio! invadindo as crateras,
Como um astro apontou as selvas de batalhas;
E, á sombra do teu grito, em bronzeas primaveras,
O coração da Italia arquejou nas metralhas.

A Italia condoreira e eterna, a Italia estoica,
Nos Alpes derramou os batalhões faiscentes;
— O gladio antigo andeu na chamma invicta e heroica,
Cavando na montanha a rota dos atlantes.

E tu, Dannunzio, tu, que nasceste ao marulho
Das vagas, indicaste as provincias escravas,
Onde, em fel, rebramia entre algemas, o orgulho
Da raça, cujo sangue é um oceano de lavas!

Tu, que, em surtos de genio, os céos varreste e os astros,
Nas azas do aeroplano affrontaste as tormentas,
Pairando sobre o mar apunhalado em mastros,
Voando sobre a amplidão dos penedos nevoentos!

Guerra entre abysmos! Guerra enorme! Nos combates,
A montanha abalava o fragor estupendo,
E o chão desabrochava em flores escarlates,
— Fundos rasgões de braza as geleiras rompendo.

E a bandeira da Italia, entre o fumo, de pregas
Ao vento, como um leão revoltado, nos brazeiros,
Erguia a torva juba ao vento das refregas,
Mergulhando no fogo, entre os despenhadeiros.

Dannunzio! Hoje, de novo, ergues a espada e o grito.
Ajoelha-se a teus pés a Historia, arrebatada,
E, em teu brado, lampeja a raiva do Infinito,
E uma constellação rola da tua espada.

“Fiume ou morte!” E, brandindo o aço estrellado e augusto
Sobre Fiume, o pendão glorioso e impervio implanta
Nas ondas de fumaça, á voz do bronze adusto,
Arrancando um clamor de todas as gargantas.

A Italia ha de seguir-te. ó Dannunzio! E, se ainda
Não te seguiu alçando a espada flammescente,
E' que o teu gesto audaz lhe assombra a vista infinda!
E' que o espanto lhe prende o braço incandescente!

E' que, abrindo a aza herculea em largos paroxismos,
Sacódes-lhe na fronte os astros, nas fronteiras:

“Fiume ou morte!” E o teu grito incendeia os abysmos!
“Fiume ou morte!” E o teu gesto arrasta as cordilheiras!

XVI

O CAÇADOR DO SOL

(Lenda algonqui)

Ogibwa, á caça do urso, anda de furna em furna.
O arco ás mãos, o carcaz cheio de raios, sólta
A alma adiante no olhar; segue-o, informe e nocturna,
A propria e herculea sombra — unica e longa escolta.

Nisto, ignoto clarão transborda em flammas, a urna
Do horizonte, e elle vê tremendo, numa volta
Da montanha febril, sobre a neve soturna,
Um rubro cysne, abrindo as azas, em revolta.

Essa visão vermelha abre em fogo os declivios.
E o caçador, brandindo o arco, flecha-lhe as azas,
E exgotta a rude aljava, entre os pincares niveos.

A' ultima flecha, o cysne abate o surto. Escorre
O espaço em chamma. O cysne abysma-se nas brazas;
O cysne tomba; o cysne expira...

E' o Sol que morre!

XVII

LUTA NAS SELVAS

(EXCERPTO)

.....
Por noite azul de estio, a horda de aventureiros,
— Estranha multidão de pallidos guerreiros. —
Entrara da floresta os dédalos. Provinha
Das praias de ouro e sol onde a naiva marinha
Rompe auroras de espuma em cima dos rochedos.
Vinhão como o jaguar, cautelosos e tredos,
Todos num claro retinir de estranhas armas.
Logo, o céu rebombou no estridor dos alarmas.
E, ao selvagem trovão da pocema de guerra,
— Inubias cuja voz as procellas encerra, —
Ergueu-se a taba heril, diante dos invasores.
Travou-se a guerra immensa; os guerreiros clamores
Leguas e leguas, vão bater de penha em penha,
Sacudidos no abysmo e arrastados na brenha.

Mãos brandindo clarões de laminas agudas;
Rostos bronzeos que a raiva accende; lanças rudas
Lampejando; punhaes, como linguas, lambendo
A sombra; e arcos zunindo, em furia, o silvo horrendo
De mil flechas, que a noite engole; olhos congestos
E sanguineos; visões envolvidas em gestos
De espada; cada golpe o sangue arranca, em furia.
E é tanta a confusão que, na sombra purpurea,
Esse sangue parece espirrar, não das chagas,
Mas da noite golpeada. Entre as túrbidas vagas,
Ouvem-se as contorsões dos musculos suarentos.
Rangem craneos, ao troar dos tacapes sangrentos.

Ruge e restruge, brama e rebrama a floresta;
— Mangueiras tropicaes que a primavera en festa
De flôres, a prender-lhe a verde cabelleira
No diadema vernal da flóra brasileira;
Régios ipês rasgando as tunicas douradas
De estrellas, entre as mãos das brisas perfumadas;
Pinheiros cuja fronde, aberta e verde, pelas
Noites, affaga o céu retalhado de estrellas;
Araucarias, de tronco aberto em cicatrizes,
Como polvos torcendo as profundas raizes;

Cabriuvas ancestraes; cedros; lianas accesas
Em chagas; procissões de rochedos; devezas
Que se espreguiçam pelos valles tutelares;
Tribus de coqueirae de tremulos cocáres;
Cipós torcidos no ar, suspensos, como cobras
Antes do bóte audaz de selvaticas dobras;
E tigres cujo pello híspido, fusco e ruivo,
Lembra serpes de treva em chão de flammas; uivo
Rouco de succurys; procella de cachoeiras.

Brama e rebrama a dôr das selvas brasileiras.

.....

XVIII

EM COVADONGA

Sou gôdo; meu castello, alçado em rocha viva,
Lembra uma aguiã, cravando as azas envergadas
Nas procellas da Iberia, entre a raiva afflictiva
De esquadrões e esquadrões, mesnadas e mesnadas...

Quando o abraço do sol os frankiskes aviva,
E o relampago morde a lingua das espadas,
Zumbem scintillações na minha espada altiva,
Como abelhas de fogo em nuvens revoltadas.

Arrojo os temporaes de armas, na guerra immensa...
E o nome de Jesus lampeja no montante,
De onde escorrem clarões de bravura e de crença.

E, ao sol de Covadonga — a cruz talhando os ventos, —
Fogem vortilhonando, entre a poeira faiscante,
Como aguias debandando, — os alfanges sangrentos...

XIX

INCENDIO NA FLORESTA

(EXCERPTO)

.....
Rubras offuscações rolam nas invias grotas.
Breve, estortega toda a floresta; e as remotas
Regiões, onde o éco vai se encolher pelas furnas.
Fremem; fremem de espanto as grutas taciturnas.
Começam de fugir azas tontas de susto;
Rôlas, sabiás, soffrês, pelo sertão adusto,
Passam, tontos, batendo a aza bebeda, ao peso
Do fumo. Surge, fulvo, o ar devorando, acceso,
Do chão um bosque atroz de chammas encarnadas,
Aljofrando de rubro a sombra das ramadas.
O incendio! O luar, fugindo através das alturas,
Sente as chammas uivar pelas furnas escuras,
Como barbaros cães de lingua rubra e informe,
Torvos, de escantilhão pela floresta enorme!
O incendio! Eil-o, a rugir, agitando entre ventos
A nervosa evulsão dos cabellos nevoentos,
Nos turbidos desvãos dos rochedos selvagens.

Um fremito sacóde os nervos das paizagens.
Rubro, cravando no alto as varetas frementes,
O incendio alarga um leque, abraçando as vertentes
Verdes da serra verde; a serra, apavorada,
Vê as brazas varando a intangivel arcada,
Como si a terra, uivando, aos astros gottejara
Um diluvio infernal. dentro da noite clara.
Entre os braços do fogo estertora a floresta.
Vermelhos camaleões saltam de cada fresta.
Chovem fulvos rubins, em bátegas raivosas;
Gólfãos rijos de fogo atroando; nebulosas
De chamma, a escachoar na gueta dos abysmos.
Coivaras e rincões, nos ruivos paroxismos,
Torcem-se, relutando, horridos e violentos,
Num abraço de fogo, abraçados aos ventos.
Fogem clarões no céu, torvos, batendo as azas.
Por vezes, d'uma furna um vomito de brazas
Transborda sobre o rio, em túrbida carreira.
O incendio! A noite queima! Arde a floresta inteira.

.....

XX

VERCINGÉTORIX

Forte, na lividez da tarde, o olhar vibrante
Alarga num abraço immenso... A ultima nota
Da harpa d'um baudo morre, entre as folhas, distante,
E abre nas solidões como uma flôr ignota.

Scisma; em torvo esplendor, o acido olhar errante
Méde o valle e o horizonte, onde, em plaga remota,
Surgirá, sobre o céu das Gallias coruscante,
A aguia de Roma, abrindo a sanguinosa rota.

E os bardos de harpa em flôr, as virgens e os druidas,
E elle, Arverno, terão... que sorte infame! Assoma
No espaço, o luar gaulez em notas doloridas,

Como si, ao duro olhar de Hesus e de Teutates,
Se estendesse na noite a gloria azul de Roma,
Num sonoro clarão de clarins e combates...

CAVALGADA DAS WALKYRIAS

Ouve-se o resfolgar das Walkyrias radiosas,
Soluçando através das musicas violentas;
E arrojam-se os corseis nas nuvens procellosas,
Acordando os trovões e arrastando as tormentas.

As Walkyrias! Ha um luar de seios e de braços
Passando em turbilhões de lyrios... Ha um clamor
Nas montanhas... E' o sol que atravessa os espaços,
Amortalhando o céu no manto abraçador.

E ellas vôam, soltando as louras cabelleiras
Nas musicas, prendendo as notas nos cabellos...
E os cascos dos corseis abrem nas cordilheiras
Rhenos de estrellas, entre as pedras e entre os gelos.

Da bocca dos clarins, das cordas dos violinos,
Ellas surgem, revoando e constellando o azul:
São tantas que, nos céos, os seus vultos divir
Cobrem o espaço como os galhos da Ermensui.

As Walkyrias! Lá vão, entre dilúvios de astros,
Com os gladios a escorrer de raios fulminantes.
E as aguias brancas, no ar, vão-lhe seguindo os rastros.
Abrindo á aurora roxa as azas coruscantes.

E os deuses do Walhalla elevam-se, clamando.
Thor fulgura: — “Quem ousa acordar o trovão?”
— “Nós já morremos” — brame Odin no azul nefando.
(E uivam, brancos de luz, os lobos da amplidão.)

“Quem vos resuscitou, fantasmas de harmonia,
— carne de luz e som, no turbilhão superno?
Que braço vos arrasta á vastidão sombria?
Que mão vos arrancou do crepusculo eterno?”

E ellas rugem, correndo em seus corseis de bruma:
— “Viemos do coração de Wagner...”

E os clarões

Dos seus corpos de som abrem os astros, numa
Via-lactea infernal de gladios e visões...

FIM DE
"GRITOS BARBAROS."

INDICE

VOZ DOS ABYSMOS

- I — Inscrição.
- II — Prece. 1
- III — Hymno á Vertigem. II
- IV — Deus. III
- V — Thabor. IV
- VI — Desesperação de cinzas. V
- VII — Ante as sombras. VI
- VIII — Saudade de Satan. VII
- IX — Avalanche. VIII
- X — Avatares. IX
- XI — Argovan. X
- XII — A Musica. XI
- XIII — Invocação á minha dor. XII
- XIV — A voz da Fatalidade. XIII
- XV — Os subterraneos. XIV
- XVI — A aguia. XV
- XVII — A' Angustia. XVI
- XVIII — O Calvario dos astros. XVII
- XIX — Nomade. XVIII
- XX — Arvore negra. XIX
- XXI — Turbilhão. XX
- XXII — Angustia da Natureza. XXI

SOLUÇOS DO DESERTO

- I — Beduino.
- II — Vestita di color de fiamma viva.
- III — Amargura.
- IV — Deserto.
- V — O silencio em que te amo.
- VI — Domadora do Oceano.
- VII — Tua voz e teu olhar.
- VIII — Entre a Arte e o Amor.
- IX — Estrella perdida.
- X — Inferno.
- XI — Azas feridas.
- XII — Espumas e chammas.
- XIII — Versos á minha mãe.
- XIV — Via-crucis.
- XV — Harpa de marmore.
- XVI — Holocausto.
- XVII — Volupia de arabe.

CLAMOR DOS SECULOS

- I — America.
- II — Holophernes.
- III — Morte da aguia.
- IV — Para o inferno da Siberia.

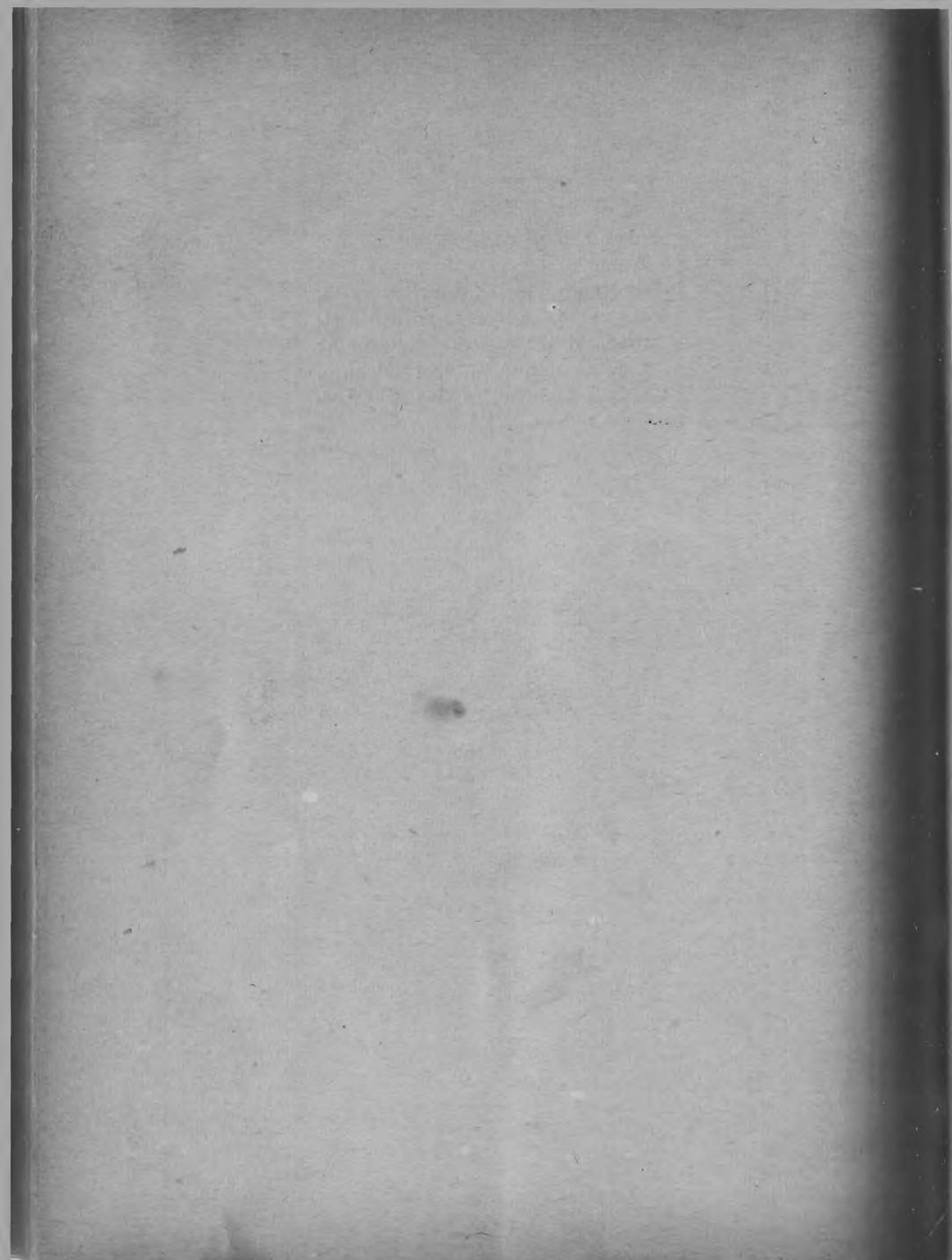
- V — Homero.
- VI — Flagellus Dei.
- VII — Napoleão.
- VIII — Mater Dolorosa.
- IX — Garuda.
- X — Ao sol dos Aztekas.
- XI — Eschylo.
- XII — Sysipho.
- XIII — Victoria de Samothracia.
- XIV — Hannibal.
- XV — “Fiume ou morte!”
- XVI — O caçador do Sol.
- XVII — Luta nas selvas.
- XVIII — Em Covadonga.
- XIX — Incendio na floresta.
- XX — Vercingétorix.
- XXI — Cavalgada das Walkyrias.



ESTA OBRA, QUE O SEU AU-
TOR, ANTES DE FALLECER,
DEIXOU ESCRIPTA E MOLDADA
SEGUNDO A SUA ALMA E O
SEU ESPIRITO, FOI IMPRESSA
NAS OFFICINAS DA CASA BEN-
JAMIM COSTALLAT & MICCO-
LIS, DE ONDE SAHIU PARA OS
OLHOS DO PUBLICO AOS 25
DIAS DO MEZ DE SETEMBRO DE
1925.



Sobre a personalidade de Moacyr de Almeida, escreveram innumerous intellectuaes, de grande merito, pertencentes a diversas gerações litterarias. Entre esses, destacam-se os seguintes, que se lêem adeante, na ordem alphabetica dos seus respectivos nomes.



DE AGRIPPINO GRIECO

Em 1924, assim me expressei publicamente sobre o admiravel artista que vem de morrer com vinte e tres annos de idade:

Bem opulento em materia de imagens é o Sr. Moacyr de Almeida. Trata-se de um adolescente que anda á procura de editor para o seu primeiro livro. Li-lhe o manuscripto e, sem que elle nada me pedisse, resolvi falar dos seus versos, para ver se assim provoco o interesse de qualquer Lemerre dessas plagas.

O Sr. Moacyr é um artista que possui um vivo sentimento das bellezas da alma e das bellezas da terra. Pouco mais que um menino, e um menino medroso e desagelado, que se atrapalha ao ouvir o minimo elogio; com um peito fragil demais para o respiro da sua alma impetuosa, apresenta-nos elle um punhado de flores em que já sentimos a certeza dos pomos. Tem qualquer cousa de barbaro nostalgico e, não podendo viajar de outra fórma, embarca para o ultramar do sonho. Toma o sabor da vida e nota-solhe a deliciosa furia de amar, o amor do amor. Algumas das suas phrases são ardentes como caricias carnaes.

Pela amplitude e movimento dos rythmos, pelo calor e entusiasmo que o animam, pelo valor plastico e pela seducção musical da estrophe, elle, embora com uma sensibilidade especial, é um discipulo de Castro Alves, o nosso "poeta sovrano", bisonte da poesia que ainda hoje faz tremer de medo os cantores da Nevrose e os membros da Escola Balbuciante. Como seu mestre, tem elle o dom do pittoresco, sabe ver a fórma das cousas, converte a paixão em eloquencia e forja versos em metal sonoro. Maneja um pincel car-

regado de côr e sente-se-lhe o orgulho, a alegria physica de viver nesta Arcadia selvagem. Se possível, desejaria elle reintegrar em nossa poesia o senso da epopéa. Adora as flammæ e as coruscações. Mais que um ceramista, é um alfageme.

Como Castro Alves, relembra as varias civilizações e as entidades heroicas, sempre em metaphoras ousadas. Confessa-se "aturdido de infinito, cego de astros, louco de azul". Diz que vem das entranhas da terra "como a torrente, como a fraga", e exalta a America e o seu "cocar de estrellas zodiacaes". Celebra Holophernes, "semeador de incendios", cuja espada era "um cometa de cataclysmos", conduzindo "um tufão de corceis e de lanças". Canta "o Cruzeiro do Sul das chagas de Jesus". Ou escreve, dirigindo-se á natureza:

Tuas igneas volupias dolorosas
Marulham no meu sangue, abrem-se em rosas
No meu craneo... E, escutando os sons violentos

Da tempestade, grito nos teus gritos,
Arquejo nos relampagos afflictos,
Cravado sobre a cruz dos quatro ventos!

Mas, apesar destes versos, ha tambem no Sr. Moacyr de Almeida um pantheista sereno que se nutre de sol, como uma planta, alegremente. Em casa, rejubila quando todo o céu matinal lhe quer entrar pelas janellas. Se importunado pelos homens, foge e vae exilar-se entre as arvores — doce exilio! Vai perder-se no enredo das folhas, nos bosques tepidos como alcovas, sob uma luz em surdina ou em meio ás sombras estriadas de ouro. A agua corrente conta-lhe tantas historias quanto Scheherazade. Longe, os bois pastam, volvendo-lhe uns olhos quasi humanos. E elle sonha ver naquelles sitios a blusa de Corot e a fumaça de seu cachimbo. Chega depois a noite, chega

com a sua serenata de grillos e sapos ás estrellas, e lá vem rolando a mascara de gelo da lua. A rosa do silencio perfuma o ambiente, a frescura nocturna é a de uma cabelleira feminina, e as ramagens, ao luar, são grandes madreporas verdes.

As mulheres, porém, não o enternecem menos que a natureza. Com que doçura elle suggere que ha flores no nome de sua amada e que só a presença desta é um canto harmonioso! Seu corpo tem a doçura e a brancura do linho, e seus pés deixam, na areia dos caminhos, vestigios de luz. Dentro da selva, uma cigarra mette-se-lhe nos cabellos, e ella e a cigarra cantam a um só tempo, fazendo os écos cantarem. Que prazer para o poeta sigillar-lhe a bocca com beijos voluptuosos! Nos melhores vinhos, nas melhores frutas, não acha o gosto daquelles labios. Ah! o amor de ambos é um amor total, como o das arvores da floresta que, além de confundirem as suas copas, confundem as suas raizes! Nelles e em derredor delles, numa dupla primavera, abrem-se as petalas e os sonhos. Mesmo quando o poeta dorme, a recordação da mulher querida adoça-lhe o somno, qual se dormisse junto a um ramo de violetas.

E' verdade que, de quando em quando, uma nota de angustia o assalta. Mas uma pequena dôr não fica mal a um poeta, como um pequeno cypreste cabe sempre num jardim. A musa que, ainda ha pouco, convivia dos festins da primavera, ria com o riso jocundo dar romãs fendidas, enfeitava-se agora com flores funebres colhidas no jardim dos elegiacos, dolorosamente inebriada na musica dos pensamentos tristes. E ell-o proclamando a vida uma taça vasia, uma tunica dilacerada... São, todavia, collapsos ligeiros. A alegria retorna logo, trazendo-lhe delicados versos de amor que têm a maciez da mão que acaricia, ou vibrantes odes que evocam os cavalheirismos da Tavola Redonda e outros que taes, odes francamente filladas á maneira desse Castro Alves cujas estrophes não pare-

ciam nunca feitas de simples palavras, mas de carne e sangue”.

*
* * *

De envolta com a tristeza que me causou a morte prematura de Moacyr de Almeida, conforta-me a certeza de haver sido um dos primeiros a exaltar-lhe, no Rio, o talento poetico.

Quanto ao manuscrito do seu livro de versos, “Gritos barbaros”, continúa a rolar por varias mãos, á cata do editor magnanimo, o Desejado, o Encoberto, tão difficil de encontrar em nossas paragens. Nem mesmo me foi possivel obter, de prompto, esse manuscrito, para elaborar um estudo, relativamente completo, sobre a obra do morto.

Assim, querendo falar ainda uma vez do excelente Moacyr, devo limitar-me a reler os poucos versos que delle guardei, quando elle me confiou os seus trabalhos ineditos, versos em que hoje encontro uma nota de amargura mais accentuada que dantes. Limite-me a reler alguns poemetos do estranho adolescente a quem a morte acaba de dar a pureza extrema, effigiando, em linhas nitidas, o perfil melancolico desse sonhador discreto, sempre enamorado da luz, das flores e das mulheres, desse amoroso capaz de compôr este vibrante soneto lyrico:

Eis a teus pés o oceano... E' teu o oceano!
Deusa do mar, teu vulto aclara os mares,
Esguio como um cyatho romano,
Nervoso como a chamma dos altares...

A alma das vagas, no impeto vesano,
Ajoelha ante os teus olhos estellares...
Eis a teus pés o oceano... E' teu o oceano!
Cobre-o do verde sol dos teus olhares!

Sou o oceano... E's a aurora! Eis-me, de joelhos.
Ainda ferido nos tufões adversos,
Lacerado em relampagos vermelhos...

Sou teu, divina! Em meus gritos medonhos,
Lanço a teus pés a espuma dos meus versos
E as perolas de fogo dos meus sonhos!

Pensando em Moacyr de Almeida, revejo-o qual tantos annos o vi, com o seu ar de eterno convalescente, de quem sahisse de uma bebedeira de opio para o horror da realidade circumstante, com a cabeça ainda cheia das lindas visões que o tinham delumbrado nas viagens aos paraísos artificiaes. Revejo-o com os seus ardores mal contidos de homem que imaginava ás vezes ser um flibusteiro, um aventureiro de guerrilhas, um hespanhol duellista e quiotesco, e era, afinal, incapaz de fazer mal a um besouro ou a um sapo; de homem que sentia no sangue o impeto das azas e era forçado a conservar-se preso á mesa de uma redacção de jornal, ás voltas com topicos e noticias que nenhuma pompa de expressão comportavam.

Talvez houvesse nelle certa inaptidão para a felicidade, e em certos dias o proprio excesso de luz parecia entristecel-o. Outras vezes, olhava a noite qual se, cansado deste mundo, quizesse ir habitar na verde Altair. Elle mesmo falou, de uma feita, na "primavera das melancolias".

Recitando, Moacyr de Almeida tinha a voz meio cava, dolente, velada, como vinda de uma crypta distante, mas a belleza das cousas que celebrava conseguia embellezal-o, e elle, que era magro como um asceta, comprido, deselegante, sem saude, sem graça pessoal, sem eloquencia na conversação, transfigurava-se e prendia quem quer que o ouvisse, na trama de ouro das suas rimas. Sua face lanhada, torturada, de zygomas salientes, como que se illuminava á irra-

diacção verbal do seu sonho. Elle, que, palestrando, pouco enthusiasmo patenteava pela vida e ás vezes confessava ter medo de tudo e ver tudo como que envolto na luz de um dia de eclipse, enriquecia-se, ao dizer versos, de mil thesouros ignorados. O joão-ninguém fazia-se, então, um rei, um rei capaz de offerrecer-nos — dádiva preciosa — estes quatorze alexandrinos de seda e metal:

Ah! não ser comprehendido é a tortura do Artista!
Offegante, rompendo os joelhos pelas fragas,
Vê debalde sorrir, nas nuvens de amethysta,
A miragem do ideal entre as estrellas magas...

Arqueja; o vendaval de angustias que o contrista
Vem-lhe aos olhos sangrar em tristezas presagas...
Ergue a vista: arde o céo tão longe! Baixa a vista:
Tão longe os corações a rolar como as vagas!

E elle, que tem o azul preso no craneo afflicto,
Abre em astros de sangue a noite dos abrolhos,
E ergue constellações de rimas no infinito.

Soluça na afflicção do deserto profundo,
— Tendo os astros no olhar e a noite sobre os olhos,
Tendo os mundos nas mãos sem nada ter no Mundo!

Obcecado pela idéa do seu proximo fim, adivinhando que tinha pouco tempo a viver, todo esse tempo procurava Moacyr consagral-o aos bellos versos e evitava as cousas torpes, vendo só a formosura das paisagens e negando-se a ver a fealdade das almas. Havia nelle dezenas de harmonias que a morte nos roubou, e sua geração, no tocante á intelligencia pura, está, com a sua falta, grandemente diminuida.

Ao aroma das suas rosas misturou-se, bem cedo, o cheiro dos cirios, como nessas cerimoniaes ecclesiasticas.

ticas que elle tanto amava, mais seduzido pelo apparatus esthetic da Igreja que propriamente dominado por uma fé profunda. O seu sorriso doloroso, de quem por uma fé profunda. O seu sorriso doloroso, de quem riso, crispou-se, bem cedo, no rictus derradeiro.

Elle, que nascera votado ás peores injustiças, destinado a supportar em silencio todas as iniquidades; elle, que nascera para tudo soffrer, resignado a tudo, não chamaria certamente a morte de morte, mas de libertação. Quantas vezes, no seu "acuibonismo" de sceptico, não deixou cahir os braços desalentados ao longo do corpo e desistiu de lutar, sentindo, que as festas da vida não tinham sido feitas para elle e tendo quasi a certeza do seu destino truncado, da sua obra mutilada. Dahi escrever:

Meu olhar é um deserto ermo e triste, onde os ventos
Como anjos de amargura erram tristes e incertos,
E onde o sol faz tremer, nos abraços violentos,
Os beduinos do amor vindos de outros desertos.

Moacyr, que vivia a um tempo compondo e ouvindo as indefinidas musicas do sonho, fez da poesia um espelho que reflecte transfigurando. Casto, fugindo ao vicio, só se deu a regabofes interiores, analogos á orgia casta das cigarras bebedas de orvalho, embora lhe fosse grato pensar nos italianos da Renascença, que se nutriam de beijos e de vinho, e nos francezes de Versalhes, que tinham a agitação electrica dos felinos.

Para acalmar a sua melancolia, ornava-a de mil recordações heroicas. Penetrou como poucos da sua geração o significado das epopéas. Vagueou numa floresta de symbolos e allegorias. Adorava as visões biblicas, a Grecia de Hesiodo, a India buddhica, a França dos druidas, as brumas scandinavas, as walkyrias adormecidas entre as flammias, os destruidores de imperios, as bacchanaes de ouro e de sangue da Roma

dos Bórgias, os idyllos da Hespanha mosarabe e as violentas paixões tropicaes, de que são reflexo estas quadras frementes:

Ardem, como vulcanicos diamantes,
Teus olhos; e, em teus olhos, vivo e arquejo,
Como a agulha accesa num fatal lampejo,
Na volupia dos ventos delirantes.

Abres os braços, e, em teus braços, vejo
O azul rasgar-se em marmores radiantes,
Teus braços — horizontes flammefantes —
Onde agonisa o sol do meu desejo.

Amava os painéis mysticos, os povos em marcha
que parecem atropelar-se em largas pinturas muraes.
as migrações, as cavalgatas, os recontros sangrentos.
Amava as cordilheiras, os falcões, as florestas, o
oceano, o céu tempestuoso. A' Irlanda, á formosa es-
meralda celtica, "berço de harpas em flôr", dizia elle:

Erin! Vibra a teus pés meu coração igcerreiro,
Como as rochas do mar ao vortice fragueiro
Dos ventos, ao luzir de raios e escarcéos!

E, quando relampeja em lanças teu rugido,
Cada irlandez eleva o gladio ao céu transido,
Como o incendio arrojando a chamma rubra aos céos...

Tinha o gosto da ode, das palavras sonoras que
tilintam como sabres, como esporas de cavalleiros
bellicosos; tinha o gosto da natureza sobrenatural e
da humanidade sobrehumana. Mal distinguia entre a
lenda e a historia, o real e o irreal, o abstracto e o
concreto. Possuía uma imaginação de visionario e
até de allucinado, comprazendo-se em cavalgar o Hip-
pogripho ou a Chimera. Trahia, não raro, algo de um
vidente extatico.

Com que arrebatamento, em versos de uma riquíssima invenção rythmica, de quem sabia ordenar as imagens e as metaphoras, em versos que são a historia de uma sensibilidade ardente, costumava Moacyr evocar o mar de cabeças agitadas das batalhas e esses cavallos galopantes que são ondas de crinas e de patas!

Elle foi no mundo um peregrino maravilhado, tal qual o magnifico Signoret, morto com menos de 30 annos, depois de ter vivido numa exaltação continua, tonto de auroras, doido de sol, seduzido pela fuga lyrica do verbo e pelo esplendor dos epithetos.

As "sombras estellares" dos Andes afiguravam-se-lhe "ramagens de pedra a florir em crateras". Sentia impetos de beijar "a terra ardente da America", e via "o braço do Amazonas agitando a pororoca, como um pendão de espumas, entre os ventos".

Embora os calculos de balistica intellectual sejam mais difficeis que os da balistica propriamente dita, é de prever que um poeta que taes cousas expressava ou suggeria, com pouco mais de vinte annos de idade, levasse muito longe a bella curva ascendente do seu espirito e fosse ferir em cheio o alvo do triumpho. Na morte de creaturas assim ha a tristeza das fontes que emmudecem...

(Da "Gazeta de Noticias")

DE CATULLO CEARENSE

(Excerpto de um discurso pronunciado por occasião do enterramento do autor.)

.....

Moacyr: baptisaste o teu livro com o nome de "Gritos Barbaros". Gritos barbaros seriam os nossos contra a barbaridade da morte, gritos que repercutiriam por todo este oasis funereo, se não fôra a crença viva que nós temos em Deus. Gritos barbaros deviam ser os nossos contra a inveja, que foi como um bar-

baro vendaval, enfunando-te as azas nos remígio de tua alterosa imaginação. Gritos barbaros seriam os nossos contra uma Academia millionaria, que, conhecendo a tua pobreza, admira, mas tem pena de gastar uns miseraveis vintens para, com a publicação do teu livro, augmentar os thesouros da literatura nacional. Gritos barbaros deveriam ser os nossos contra esses que se dizem teus admiradores e consentem que baixes á sepultura sem a homenagem postuma de suas presenças, como era de seu dever. Talvez que estes meus gritos barbaros possam descerrar os cofres do grande Arpagão, a Academia de Letras. Gritos barbaros?! Nunca os ouvi em tua boca! Quando, depois de uma concentração profunda, accendias os olhos, abrindo-os, desmesuradamente, e se esperava uma explosão de colera, mansamente se ouvia deslisar de tua boca um suspiro de rola solitaria.●

Moacyr: Fazes questão de que o teu livro tenha o nome de "Gritos Barbaros"? Seja feita a tua vontade! Mas gritos barbaros de um felino, de uma féra, de uma onça, nervosa, no coração do deserto, uivando, extasiada, fitando a lua, a contemplar a serenidade magestática da noite! No Ideal só ha sentimentos: não ha barbaridades. De varios modos os poetas nos falam de seu ideal. Lendo Casimiro de Abreu, parece que estou ouvindo o canto merencoreo de um Beira d'Agua, de um Serra Azul, soluçando os seus queixumes nas cordas lacrimosas das violas, em noite de S. João, depois de machucados pelos olhos de uma cabocla sertaneja. Sempre que leio Pereira da Silva, tenho a impressão de estar ouvindo um côro de anjos, divinamente condemnados por Deus, presos num carcere celeste, tangendo as cytharas angelicas, a beijar os pesados grillhões, feitos de lirios, de rosas e roxas violetas do jardim do Senhor. Quando leio Luis Carlos, tenho a illusão perfeita de estar ouvindo e vendo Dante, do proprio céu, recitando o "Inferno", ao lado de Beatriz, cercado por toda a côrte celestial e san-

tificado com a presença de Deus! Quando leio Moacyr, ouço um concerto de clarins sonoros, não chamando para as lutas sangrentas, mas um bando de clarins vibrados por todas as musas, no atrio do paraíso, a saudar as primícias do crepusculo matinal. "Gritos Barbaros"! Não, senhores! Não proseguirei, porquanto ainda tinha muito que gritar contra os vivos e isto aqui é um Campo Santo, onde não se deve profanar com as miserias dos vivos o profundo somno da morte.

Não grito mais! E' o momento dos adeuses! Vais descer á sepultura, no dia em que as flores vão se abrir para o grande festival do mez de Maio! Voa! Rumo do Azul! Não como um condor, mas serenamente, como uma andorinha saudosa que emigra, saudosa do seu ninho, buscando outra patria primaveraíl, que esta é a patria do inverno eterno!

Voa! Para lá! Emquanto fores voando, estes teus "Gritos Barbaros" são tão doces, tão meigos, tão carinhosos que se irão harmonisando com as preces que estamos fazendo a Deus pela tranquillidade gloriosa de tua alma. Adeus! ó Barbaro divino!

DE LUIS CARLOS

Morreu Moacyr de Almeida.

A mais subtil de todas as molestias, a que macera o corpo adelgaçando a intelligencia, a que vae consumindo a creatura numa lenta emanação de claridade evanescente, especie de luar enfermo em volatilização — a ethica — noiva mystica dos poetas jovens, pousou-lhe cedo nos labios o beijo espiritual da morte.

E Moacyr transfigurou-se e desapareceu da Terra, como um halo em ascensão.

* * *

Entre os poetas de sua idade, que hei conhecido, foi o mais ardente e vertiginoso.

Sentia-se-lhe no estro o abysmo germinando astros.

Tinha, não raro, incontestavelmente, genio.

*
*
*

Estrella da Manhã, fiel ao seu destino, brilhou por um momento, apenas; mas para illuminar todo o horizonte, diluida no clarão da madrugada.

DE LUIS MURAT

.....

Natureza de arabe, ardeu nos seus areaes, nos horizontes calidos que lhe povoam a mente e lhe queimam o coração. Não é um mimoso da fortuna, daí, esse temperamento, apalpado pelas contrariedades e vicissitudes, a irromperem, de instante a instante, do amargor de uma vida aspera. Poeta de genio, aos dezoito annos attingira alturas extraordinarias, desafiando as aguias e dominando os mais altos cimos da imaginação e da poesia...

(Trecho de artigo publicado no "Jornal do Brasil").

DE PEREIRA DA SILVA

"Gritos Barbaros"...

E' impressivo e expressivo o titulo.

Impressivo, porque revela o absoluto contraste entre o espirito que os inspirou e o da sua geração; expressivo, porque pela incontida exuberancia verbal, pela impulsividade da emoção, o tumulto das estrophes e a ternura humanista dos sentimentos, ha nos remigios destes poemas uma volta instinctiva ás correntes lyricas e dramaticas da nossa poetica tradicional.

E' esta vitalidade authentica que impressiona; a meu ver, ha na estylistica de Moacyr de Almeida um surto differencial tão característico que me leva a descortinar no seu verso a libertação, hoje mais que nunca desejada, da poesia ingenitamente brasileira.

DE RAPHAEL PINHEIRO

... "Gritos Barbaros". A contextura psychica do autor, ampla e sobejamente, justificava o titulo insolito e violento. Em Moacyr de Almeida a lei dos contrastes tinha evidencias meridianas. Em seu envolucro fragil e precario de evidente candidato á consumpção, turbilhonava um vórtice de violencias. Sua quotidiana modestia, projecção paradoxal de desmesurado e nobre orgulho, era, por vezes, molesta aos que a sentiam. Juntada ao silencio inexplicavel, guardada, em certas occasiões de pleno bulicio das rodas, onde se encontrava essa humildade hostil, evocava as attitudes mysticas dos antigos prophetas de Israel.

Imagens da impassibilidade, nas attitudes hieraticas, eram por dentro urnas de desmedidas explosões de aggressão moral. Esse poeta, cuja producção mental, sem empegos, clara, precipite, lembra tonitroante e impetuosa caudal, tinha, de ordinario, a elocução tarda, a palavra quasi difficil. Nas terras orientaes, mães dos desertos e dos ultimos homens barbaros, assim, sóe acontecer com os habitantes. Acocorados, inertes e inermes, taciturnos, extaticos, como fulminados pela crueza da luz ambiente, jazem os bedunos. Immoveis e silentes, envoltos nos pardacentos rebornozes, são como o deserto esbranquiçado, monotonico, sepulchral. Ficticia estagnação... No deserto se occulta a gamma inteira da agitação e do alarde. Nelle rabeia, silva, rodopia, ulula o simoun; rugo o leão, uiva o chacal. A alma dos barbaros é hostia, em cibório, dessas cadencias orchestraes de violencia e horror. Assim, guardam das vagas oceánicas, por

onde rolaram e nasceram, os buzios, o amortecido fragor do mar em furia.

Toda a poesia de Moacyr de Almeida, bardo em plena idade juvenil, é a dinamica de um deserto, em hora convulsa.

Revolta? Desillusão? Literatice? Nada disso. A evidenciação sincera de um mysticismo em marcha. Nos poemas, mais aparentemente calmos, sente-se fremir uma revolta, cuja finalidade é um infinito amor á humanidade. São assim os mysticos. Esse poeta o era...

DE SAUL DE NAVARRO

A morte de Moacyr de Almeida, o maior poeta do Brasil, nascido neste seculo, pois falleceu na idade de Castro Alves, o genio épico e sonoro da nacionalidade, é mais um capricho do destino, que nos tem ceifado, na flor da vida, os poetas de mais seiva e luz da nossa terra.

Pobre, modesto e timido, essa vigorosa mentalidade juvenil, esse grande e pujante poeta quasi criança, morreu tuberculoso, como o cantor estupendo de "Os escravos", sendo que este viveu feliz a sua ephemera e radiosa existencia, ao passo que aquelle viveu lutando e soffrendo a sua vida sombria e amargurada, sómente illuminada pelo clarão estranho de seu estro. Foi jornalista, trabalhou, consumiu-se nesse supplicio moderno de triturar cerebros e mecanizar almas; e, critico theatral, foi obrigado a fazer vida nocturna, a trabalhar dia e noite, num esforço enorme. Era o mais util dos bohemios, porque a sua vigilia fecunda não glorificava a preguiça, nem officia a massa negra dos vicios, ainda que, como passaro de rima, condor do rythmo, amasse o encanto mysterioso da noite e sentisse, na serenidade luminosa das estrellas, o seu desejo de voltar a essas pa-

trias da luz, de onde a sua alma sonora trouxera uma chamma immortal, soffrendo, talvez, aqui, a saudade do Infinito...

A tuberculose, essa doença social, porque quasi sempre nasce da miseria e do trabalho, em menos de tres mezes, numa voragem de destruição, invadiu-lhe o fragil organismo, já predisposto ao bacillo de Kock; e, aos 30 de Abril, ás 3 1/2 da tarde, falleceu como um passarinho, sem agonia, porque foi o seu coração que, misericordiosamente, o matou para allivial-o, dando-lhe uma morte suave e fulminante.

Morte serena de ave! Nem pudéra deixar de ser assim, pois Moacyr de Almeida foi a ave mais canora de nosso titanismo, porque veio a este mundo no seculo fragorosamente dynamico das revoluções, guerras e renascimento social, era tragica e maravilhosa, hora apocalypticica e sublime, em que thronos se derrocam, leis e homens se transformam, almas e rythmos se renovam, ao sôpro rubro das batalhas e barricadas, ao vento vermelho de um espirito novo. Em vivendo, a sua musa clamou, numa vertigem de sonho e de idéas, os seus "Gritos Barbaros", que não encontraram até agora um editor, apesar de serem esses versos titanistas e solares um estremecimento de azas luminosas, uma rajada da Belleza.

Em morrendo, o poeta vibrante, o cantor vibratil, o nervoso ephebo de semblante singularmente sulcado pela dor esthetica e profunda do pensamento: de olhos quasi espantados, pela sua febre de idéas e pelo seu delirio cosmico de rythmos e ansias radiosas; em morrendo, todo esse tumulto humano cadenciado pela musica tropical de seu verso, toda essa palpação animica de asas e essa vertiginosa elevação de seu espirito atormentado pela fome do espaço, pela gula do Infinito e pela sêde da luz, tudo isso se transformou numa morte serena, suave e instantanea. na mais cariciosa e rapida agonia, na doçura ephemera de um relampago, porque aquelles olhos affli-

ctos se cerraram para adormecer e até hoje, já de baixo da terra, continuam dormindo... Foi, assim, nesse supremo consolo, nessa carícia de deliquio, nesse somno reparador, que a morte bondosamente o levou, num extase, para lhe dar uma illusão de cura impossivel e de lhe proporcionar o regresso ás espheras sonoras, por meio, talvez, de um sonho de gloria e de vida; e que o seu coração explodiu numa estrophe cardiaca, dando-lhe o ultimo verso...

Moacyr de Almeida estava predestinado a essa morte prematura, a esse longo soffrimento que o matou para a vida humana e o fez reviver para a vida immortal, para a vida azul dos mundos que a distancia espiritaliza e que os astros florescem de mysterio e de belleza hermetica, como symbolos que gloriam... A dor foi quem lhe pendulou o coração, lhe sagrou a arte e lhe deu rythmo ao verso. Mas, ainda assim — e ahí está o seu grande merito — contagiou-o a alegria sonora do Brasil, a nossa alegria tropical de paiz novo e quente, o jubilo saadio das selvas, a estrepitosa alegria de nossos rios e de nossos mares, alegria chromatica de nossos céos saphiricos e de nossas verdes paizagens, a alegria alleluial de nossas aves e flores, ninhos e jardins. E a esperanza floriu na sua lyra, tangida pela violencia de nossas ventanias e pela rajada de nossos nervos; e o entusiasmo cantou nas cordas magicas de seu verso possante e malleavel; e a symphonia barbara, a força selvagem, a luminosa energia e o alvoroço da belleza tropical do titanismo fizeram o seu assombro, a sua explosão sonora e a sua marcha triumphal de idéas e rythmos!

Moacyr de Almeida dava-me a impressão de um gigante que brincasse com o mundo, num riso caudaloso de rimas; ou de um Orpheu reencarnado que arrastasse feras e almas pelo influxo sideral de sua musica...

Ha em alguns versos titanicos de sua lavra, no fogo esthetico de sua forja de rythmos, nos brilhantes de seu garimpo, a magia de um domador de serpentes sonoras, o prodigio de um bandeirante dos thesouros reconditos que ainda permanecem sepultos nas selvas do pensamento, ou esse dom de força imantada, em que relumbram os olhares magneticos do Infinito...

Moacyr de Almeida tinha, como raros poetas brasileiros, o senso do heroismo, a medida dos predestinados, que se não submettem ao limite das pollegadas e se alargam na recta visual dos desertos e na curva azul dos horizontes, na linha ondulada dos mares e na curva transcendental dos craneos, corpos e espheras. A's vozes, percebia-se-lhe a grandeza linear dos triangulos, na pujança eterna das pyramides; e, em outras, vislumbrava-se-lhe a belleza oblonga de seios fecundos e virginaes, que celebram, na harmonia apollinea da plastica humana, as fórmulas esphericas dos mundos, na belleza immortal da plastica maravilhosa do Universo. E esse poeta titanico e titanista, esse titan adolescente, esse gigante ephebo jaz, agora, numa cova rana, de sete palmos, nos confins de um campo santo dos suburbios...

Mas a oscilla musical de seu verso, e a escala prismatica de seu espirito não ficaram apodrecoendo, como o seu cadaver, naquella sepultura humilde de Inhauma. Assisti-lhe ao enterramento da materia, quasi toda devorada pela tuberculoso implacavel, que se antecedeu á fúria gluttona dos vermes... E, no momento em que o seu corpo desce á cova, não tive essa angustia dolorosa do pessimismo que tão funebre cerimonia nos desperta, mórtamente quando os coqueiros indifferentes jogam camadas de terra sobre um caixão...

E' que essa terra que cahia sobre esse cadaver parecia que cantava e explodia em "gritos barbaros".

como se a natureza celebrasse o seu esponsalicio com esse corpo sem vida, que lhe voltava ao crysol, para a gloria de novas resurreições! E daquelle craneo, já sem energia radiosa do cerebro, e daquelle coração, já sem o rythmo rubro e borbuhante do sangue, surgirá — quem sabe? — uma vida mineral, inorganica, que, daqui a millenios, será rosa, estrella ou pensamento...

(De "O Paiz")

Maria Blantina + Almeida
1972
6ª Feve Santa

